



«Invitation à la danse», de Weber, foi um dos mais lindos números do sarau promovido pelo Lisboa Ginásio Clube, no Coliseu dos Recreios. (Foto Jorge Garcia)
(Ver página de Reportagem)

VIDA MUNDIAL

ANO IV—N.º 191
11 DE JANEIRO DE 1945
PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

O elogio mútuo

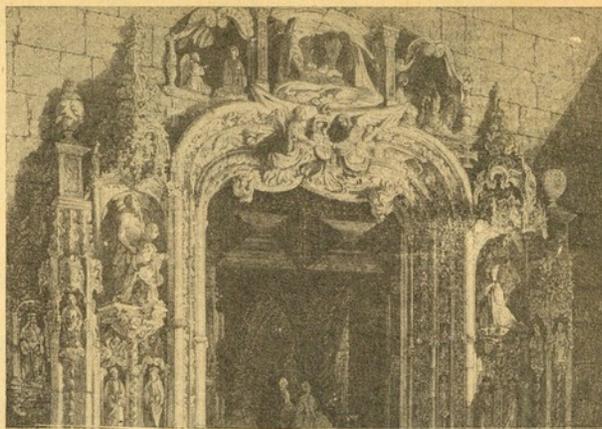
VIVEMOS num país de senhoras vizinhas, com porta para o saguão e um estranho sentido das realidades. Por isso vemos e fazemos muita coisa às avessas, sem termos olhos caridosos que nos corrigam. O elogio mútuo é uma verdadeira instituição nacional, qualquer coisa de muito académico que, se não fôsse como o direito romano — começaria por não existir, nas suas razões de sobrevivência...

Talvez porque somos poucos e precisamos de nos revezar nas funções de críticos e autores, ao público muitas vezes é servido o bom pratinho de se elogiar publicamente e por escrito quem na véspera teve a amabilidade de nos elogiar a nós. Evidentemente, isto não faz um mal por aí além, se o elogio não passa do jornal, da revista, do microfone. São palavras amáveis que passam e que têm apenas a má sorte de educar mal o gosto do público, se acaso o elogio é merecido. Mas o mesmo não pode já dizer-se de outros documentos escritos, como sejam, por exemplo, os dicionários universais, as enciclopédias ilustradas — com uma função diferente da do jornal que é efêmero como o perfume das flores ou a frescura da mocidade. Uma publicação dessas exige uma grande honestidade, uma isenção e um impessoalismo absolutos de quem escreve biografias que devem constituir a expressão máxima da verdade. Entretanto, não é assim.

E ainda há dias folheando uma das mais recentes enciclopédias portuguesas, lá se encontraram as lastimosas fórmulas do elogio mútuo, chamando brilhante jornalista do seu tempo e redactor categorizado de certo jornal, a um pobre rabilscador com funções burocráticas...

A ideologia política, a amizade pessoal, tudo o que constitui a teia em que se enredam editores e redactores de tais enciclopédias com uma função que se situa no tempo futuro, devem ser abolidas de um sistema documental e informativo digno da confiança de quem o procura um dia. Agora, levar para as suas páginas todas as tricas desta aldeia provinciana é que não nos parece absolutamente razoável. Escrever o elogio, numa enciclopédia, de certas mediocridades de quem se é amigo ou de quem se depende — às vezes por simples questões publicitárias — isso é que não constitui um serviço público. Antes, pelo contrário, merece uma sanção — essa, pelo menos, de publicamente se apontar o defeito de que enferma o nosso meio onde o elogio mútuo é um comer de compadres e uma vidinha de senhoras comadres no saguão...

MANUELA DE AZEVEDO



Conhece a entrada deste monumento?

SE os monumentos são como espelhos em que se retrata o viver da nação que os levanta, em que se imprimem com fiel exactidão a sua índole e costumes, as suas idéias e aspirações, as suas venturas e desditas, não podia o mosteiro de Santa Maria de Belém deixar de mostrar em si as novas feições da época, a variação e incerteza das idéias, certa incongruência de princípios na esfera da política, certa discordância e frouxidão no regimen do Estado, a luta já oculta, já aberta entre as altas influências do país, o termo dos nossos tempos heróicos, o cunho, enfim, da precoce decadência monárquica.

Foi com estas palavras que um erudito crítico começou o seu estudo sobre o mosteiro dos Jerónimos, que tantos estrangeiros têm admirado como uma das jóias da arquitectura de todo o mundo. Diz o povo que havia naquelas imediações uma capelinha onde os pescadores e os aventureiros de longas jornadas iam ajoelhar, devotamente, pedindo a protecção do altar para as suas ro-

tas. A praia do Restelo, donde as naus partiam, é sempre evocada na história dos descobrimentos — e o monumento, que foi construído frente ao mar, atesta o voto do rei, reconhecido, por tantas mercês do Destino. Num dos corpos do mosteiro existe, há anos, funcionando, um asilo: a Casa Pia de Lisboa — e numa longa galeria está instalado o museu etnológico dr. Leite de Vasconcelos. Mais recentemente, instalaram-se ali alguns serviços públicos — e esteve pensado fazer-se ali o museu da Marinha.

Se houve tenção de fazer do mosteiro um recolhimento para pescadores inválidos — a verdade é que hoje nada existe nesse sentido — a não ser os serviços burocráticos e administrativos da Casa Pia, denominada recentemente secção Pina Manique, em homenagem ao fundador daquela instituição de caridade, o intendente geral da Polícia que perseguiu a vagagem, no tempo em que Bocage improvisava à luz baixa dos candieiros

(Continua — pág. 6)

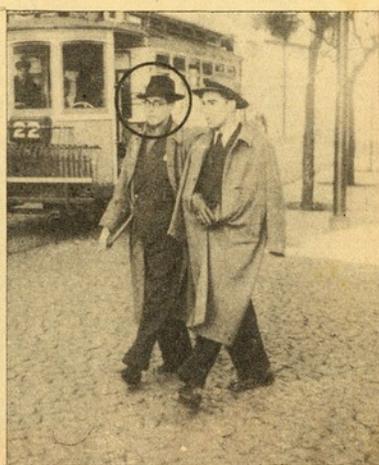
QUINTA-FEIRA, 28, das 12,05 às 12,15 que foi fazer?...



À CALÇADA DO COMBRO...



AO POÇO DOS NEGROS...



À AVENIDA PRESIDENTE WILSON?

Esta semana, fomos a um bairro populoso e popular: aqui mesmo, ao pé da porta, da Calçada do Combro à Avenida Presidente Wilson, perguntar a quem passava: que anda por aqui a fazer?

Aqueles que foram assinalados nas fotos, poderão vir, na próxima segunda-feira, à nossa Redacção, munidos de um exemplar desta Revista, porque, assim, ficarão habilitados a assistir a um dos melhores espectáculos cinematográficos, actualmente em exhibição.

Aqueles, pois, que aqui foram assinalados, entregaremos, das 10 às 12,30 e das 14 às 18 horas, uma requisição que, apresentada na bilheteira de um dos melhores cinemas de Lisboa, lhes facultará dois ingressos, a partir de segunda-feira e durante toda a semana.

Quem desdenhará de aceitar o brinde que «Vida Mundial Ilustrada» oferece esta semana aos seus leitores?

FALA-SE ESTA SEMANA

ADOLFO CASAIS MONTEIRO



Numa bela edição, Adolfo Casais Monteiro reuniu, agora, em «Versos», o que de melhor a sua inspiração havia produzido, nos

seus três livros: «Confusões», «Poemas do tempo incerto» e «Sempre e sem fim». Num prefácio longo e ponderado, Casais Monteiro coloca-se perante a poesia e estuda-se, com rigor — senão com absoluta verdade, nos casos mais pessimistas, pelo menos com um desassombro que grita: não pode andar o poeta sem a companhia do crítico. Sem dúvida, muitos dos poemas de Casais Monteiro revelam o tumulto

e as incertezas do homem, perante o mundo e a vida. Ainda assim, não estará aqui uma das mais belas afirmações do mesmo homem, através de uma poesia por vezes impenetrável na sua subtilidade.

CARLOS FERNANDES



«Vá de roda com cantigas» é o título de um livrinho de quadras que o sr. Carlos Fernandes, um dos poetas populares mais feste-

jados, publicou recentemente. Há neste pequeno volume de algebeira uma longa fiada de cantigas, expontâneas e graciosas, que, decerto, vão passar à nossa tradição, porque o povo sabe escolher, para os seus cantares, os versos que melhor falam ao sentimento e à razão. «E, nas quadras do sr. Carlos Fernandes, não falta, de facto, um fio de lirismo, a par de um certo contínuismo ou filosofia popular.

Encontros na cidade...

NÃO sei se haverá por aí muita gente como o Hilário, senhorio de três prédios, aposentado da «Caixa» e solteiro por sistema. É um homem primitivo, que ainda usa o azeite quente — e com esta escassês — para as dores de barriga, e os vinténs na testa por via das vertigens. Tem botas de cano, boi samarra de oito botões, com gola de coelho felpudo e cerasulas de atilhos na canela magra. De manhã come papas com mel e, todo o ano, ao almoço, açorda de coentros. Não acredita nas «mayonnaises» indigestas, nos «consomés» — prefere o rabo de bacalhau e a orelha de porco. Nunca foi ao cinema — e, vagamente, sabe que aquilo às vezes é divertido. Vai às touradas, aplaude as pegas, sabe conhecer as sortes, as verónicas; berra, entusiasma-se com o redondel. Em casa tem um gramofone, de campânula larga, que toca todas as noites. Há vinte anos que lhe oje os mesmos discos: o «fado do Ganga» e as «Freiras de Santa Clara». Vai ao Coliseu três vezes no ano, ver os palhaços do circo.

Os outros espectáculos não o distraem. Uma boa teatradá também o alegria — com bilhete de «claque». Já releu o «Rocamboles» — e anda, agora, vivamente interessado com as perpécias dum foletim de jornal, que o vizinho barbeiro compra para os fregueses da loja. Levanta-se sempre à mesma hora: sete da manhã.

Do mundo não sabe nada. Evidentemente, sabe que há guerra; que a vida subiu; que se luta, com denodo, para enfrentar a existência; porém éle, com o razoável rendimento dos três prédiozitos vai, pacífico e eloquente, encolhendo os ombros e dizendo no barbeiro:

— Sempre houve guerras! É a explicação da vida!
No barbeiro lê o jornal. Deleita-se na página dos anúncios, olha as transacções da bolsa e os crimes de furto. Indigna-se com a roubalheira — mas as fadadas pouco o impressionam.

— Bebedeiras! Canalha de tascó!
Sobretudo aquilo que mais intimamente o diverte é a ardilosa manha do «conto do viário».

— Isto é que são anos! Perfeitos anos! — costuma comentar.

— A mim nem um real! Nem um real!

Relé então de alto, com todos os detalhes. Ajuzá, faz comentários — e quasi chega a pedir a enxovia para os lesados. Ora o sr. Hilário tem um hábito muito antigo: todas as tardes dá uma volta pela avenida. Começa cá em baixo nos Restauradores e, devagarinho, trepa por ali acima até ao Marquês de Pombal. Entretanto, vão sendo horas de jantar. Depois já não sai. Arma o gramofone, mete a agulha e aí temos os discos riscadíssimos do «fado do Ganga» e das «Freiras de Santa Clara». Pois bem: uma tarde destas, por volta das cinco, Hilário subia a Avenida, pausadamente, a samarra pelos ombros, chapéu largo e o grosso grilhão na corrente, quando sentiu que alguém lhe mexia no ombro. E nem teve tempo de pestanejar, pois uns grossos braços o estreitaram fortemente, com palmadas, ao mesmo tempo que lhe diziam:

— O homem! O Hilário não há quem te veja!

Estupearado com tal carinhosa manifestação, o bom do Hilário ficou passado. Olhou, tornou a olhar bem de frente o indivíduo bem pósto, que estava à sua frente, mas nada, não o conhecia.

— Mas quem é o senhor?

— Essa agora?! Não me conheces? O João Honrado, sou o João Honrado.

— João Honrado? Não me é estranho... Era da Caixa?

— Pois claro! Estava na 1.ª Secção, no Contencioso. Já lá vão vinte anos, é bem de ver...

Nisto o cavalheiro vendo um eléctrico pôe-se a fazer sinais para a plataforma e desata a correr, dizendo: «val ali o José Sério, e tenho aqui uma coisa para ele...».

Hilário, ainda meio surpreso, viu sumir-se no carro apinhado aquele estranho amigo cujo nome, por mais esforços que fizesse, não havia meio de lembrar. A ruminar, pensativo, desceu a avenida. Há vinte anos! Num esforço prodigioso de memória quis relembra-los todos os colegas da Caixa. João Honrado, José Sério...

— Isso não me lembro!

A escurecendo. Foi então que Hilário metendo a mão no bolso do coléte para ver as horas deu por falta do relógio e da corrente.

Ficou passado. Quasi que ia caíndo com uma síncope.

Nessa noite, depois de jantar, Hilário não tocou o gramofone.

MANUEL MARTINHO

NOTAS RÁPIDAS



O sr. ministro das Colónias, Prof. Marcelo Caetano, inaugurou, há dias, na Sociedade Propaganda de Portugal a secção «Lusitânia», destinada a manter comunicações com as colónias, por via telegráfica. O sr. Sub-Secretário de Estado das Comunicações e o sr. embaixador do Brasil também estiveram presentes à cerimónia inaugural.



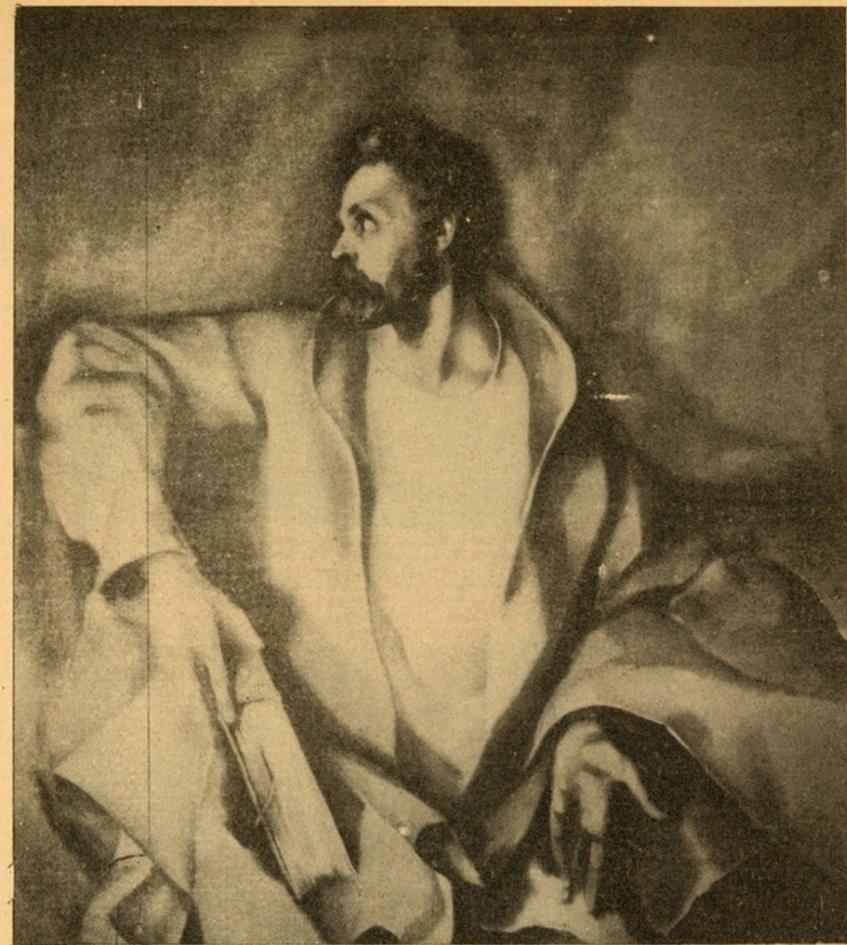
A passagem do Ano foi pretexto para os cumprimentos oficiais do prazo. Mas, não só o sr. Presidente da República recebeu a visita dos membros do Governo e de outras altas individualidades. O Sr. Governador Militar de Lisboa recebeu os cumprimentos dos oficiais superiores da guarnição de Lisboa, proferindo, então, uma breve allocução.



O sr. ministro Du Chayla recebeu, por motivo da passagem do ano, a colónia francesa residente em Lisboa e todos os amigos da França que quiseram manifestar o seu apreço pelos franceses. A reunião, no Palácio da Legação, foi excepcionalmente concorrida.



A Agência Geral das Colónias, de colaboração com um grupo de naturais de Cabo Verde, promoveu, na Trindade, uma tarde caboverdeana, muito concorrida e que teve a colaboração de um grupo de artistas de Teatro — com Villaret à frente — poetas e músicos daquele nosso arquipélago. A festa, que resultou brilhantíssima e deu uma medida do valor artístico do mundo caboverdeano, teve a presença do sr. Prof. Marcelo Caetano e Dr. Neves da Fontoura.



Camões — o épico e o homem, tal qual o sentiu António Soares, em 1929.

PODE parecer estranho que um enamorado das tintas e da sua alma plástica venha dizer paradoxalmente as suas opiniões sobre assuntos de arte e artistas, cuja elevação de talento e de obra revelada deviam merecer a análise, entre nós mais do que raríssima, dos técnicos. Mas uma longa cultura de contemplação nos principais museus da Europa e a assimilação que para um cultor da palavra possam ter os pintores, as escolas e as obras de génio, criaram na nossa sensibilidade o culto da homenagem, a fulva idolatria do que sabe sentir e admirar o que é maior, o que resgatou na sua tortura de criação e no seu instinto de adivinho do perfeito — a inferioridade e a falência suicida dos outros.

António Soares de quem acabo de rever uma notável galeria de algumas obras recentes, no seu atelier à Rua de Santo António dos Capuchos numa casa de nobre traça ante-pombalina, é um pintor servido por uma inteligência serena e elevada e, simultaneamente, um artista com um raro instinto de harmonia.

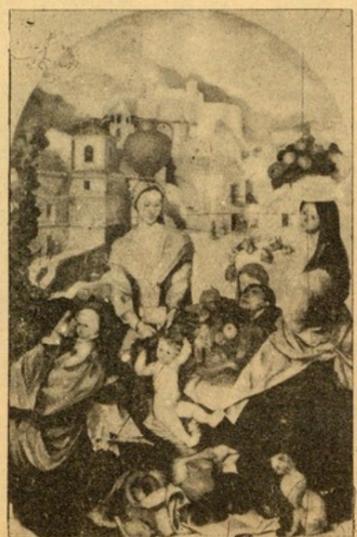
Quando estiveram em Lisboa em Dezembro de 1917 os ballados russos de Diaghilew, António Soares publicou num periódico da noite, da época, um artigo notável de intenção e de ensinamento, onde sobre ballados manifestava provas dum bom-gosto que só um raro esteta ou um criador de sonhos plásticos podiam amplamente revelar.

Pela vida fora António Soares, em exposições, em viagens, em movimentos colectivos de geração, no renovo de alguns «décor» de teatro, pode considerar-se como um propulsor do bom-gosto moderno e um condutor inteligentíssimo do seu próprio instinto.

Raras vezes, entre nós, como agora, há o nobre e raro prazer de saber



Uma evocação das Descobertas «Navegantes» 1939.



«Lisboa dos velhos bairros e das fontes no entardecer» — 1937.



Um trabalho de 1929: «Retrato de uma bailarina».



Este outro é de 1939: «Portugal, minha terra»

PINTURA PORTUGUESA

ANTÓNIO SOARES

é um clássico moderno

Por CORREIA DA COSTA

admirar e saber prestar homenagem a quem soube vencer pelos seus próprios recursos, tendo sustentado uma guerra aberta, na sua mocidade de artista, contra todo o mau-gosto e contra todo o desdém sedico duma geração inútil, para o bom prestígio dum Portugal de novos valores e de novos motivos de sensibilidade.

Na moderna pintura portuguesa quatro nomes de pintores de cinquenta anos merecem uma homenagem justíssima: Soares, Viana, Barradas e Almada.

António Soares é o que se pode dizer, hoje, um pintor de arte em plena forma, servido por um ritmo e uma conjugação de tintas e de imagens que atingem por vezes a perfeição.

Visto com olhos presentes, com uma inteligência e uma sensibilidade actuais, António Soares é um chefe, um mestre dos novos.

A seu lado Eduardo Viana é, na plena posse dum fulvo deslumbramento de tintas e de alucinantes motivos de cor, um irmão-gémeo. Igualam-se, equilibram-se, na sua discórdia de técnica e de realização e, completando-se, autenticam o grau de superioridade a que chegou a pintura moderna portuguesa.

Barradas é um «gouchista» notável, embora pintando muito a óleo, um intérprete felicíssimo dos mais belos temas dos nossos bairros típicos e arredores, dos nossos costumes campestres e de alguns oftalmicos retábulos africanos, onde o seu étos de artista adivinhou e embalou no reçoço azul dos seus olhos, de origem irlandesa, a labareda acéda dos trópicos, a infância imaculada de cores novas e conjuntos inimagináveis.

Almada, como desenhador é quasi um bruxo, um sortilégio fixador de linhas e contornos raros de beleza, de elegância eterna, de esbelteza instintiva. Tem a beleza dum primitivo a desenhar e a fraternidade dum Foulta, dum Modigliani, dum Picasso. No desenho, no debuxo, Amadeu de Sousa Cardoso morto em Amarante em 1918 (onde um seu tio tem um rico recheio de desenhos e sua viúva em Paris guarda, como ela m'o disse, avaramente, o resto da sua obra de «apuntista» século-víntico) e Almada Negreiros são dois milagres e ficam sem herança possível, tal é a sua excelsa e rara perfeição dos traços e dos contornos.

As últimas saudades e lembranças que meus olhos trouxeram de Lutécia e da feérica magia de Vincennes há arrastados treze anos, quasi tres lustros, foram quatro naturezas mortas de António Soares injustamente fechadas aos milhares de visitantes da Exposição Colonial de 1931, porque as encerraram num pequeno pavilhão apenas destinado à «dégustation» dum vinho do Porto de gosto comercial a convidados escolhidos, considerados de categoria. Tapavam-se, pois, a olhos de artistas e de almas elegantes de todo o mundo tal como ao «Sagitário» de Bourdelle, escondido num pavilhão de produtos metropolitanos franceses, quatro obras notáveis, as que a dentro do domínio da arte portuguesa e da sua representação, eram as mais completas e um grito de resgate da nossa pintura moderna.

Como expressão de desenho, firmeza e realidade de traço, conjunto de cores, disposição de motivos e bom-gosto puríssimo de efeitos e cambiantes, o Artista nestas quatro naturezas mortas fixou e marcou definitivamente o seu nome de pintor europeu. Busca-se em vão adentro do género de natureza morta um émulo e nada se encontra de tão harmónico, de tão gracioso e de tão perfeito. Dir-se-ia um sortilégio, um natural somatório das qualidades e da evolução das idéias plásticas do artista, da sua presença tão individual e constante e duma justa evolução do seu espirito criador, tão dentro deste luminoso e superior auto-pensamento de Picasso acerca das «naturezas mortas»:

«J'ai cherché à ne plus parler de l'idée d'une réalité pour la transposer

plastiquement, mais de prendre plutôt comme point de départ l'idée plastique elle-même pour trouver par elle la réalité, au fur et à mesure de sa réalisation.

* * *

Quando num melo-dia de oiro fluído, derramando calor sobre as coisas, os seres e as árvores viúvas da praça onde o Epico está estatuado em bronze (o mesmo poeta que o artista tão eleitadamente quis pintar e interpretar com feliz engenho) subli até uma das últimas exposições totais de António Soares, há bons catorze anos, o meu instinto fazia-me adivinhar no que ia ver um espelho da minha certeza interior.

Uma hora volvida no quieto e contente embevecimento do seu caleidoscópico de tintas e de motivos tão diferentes e tão individualmente e pessoalmente diferenciados, um assunto sobretudo galvanizou a minha homenagem e a minha indignação acéda da recusa que um júri já esquecido e possivelmente já anonimizado pela seqüência de alguns anos, fez da ida do seu «Luiz de Camões» à exposição de Vincennes. A criação *Camões*, de António Soares é um caso de raríssimo instinto, de vôo imaterial, de ensimesmação plástica, de desdobramento interior.

Só um grande instinto de poeta, portanto um superior artista, podia adivinhar, sonhar e realizar um Luiz de Camões semelhante onde por vezes em contemplação de minutos a asa do génio roça pela alma do pintor.

Abençoada seja para sempre, a hora lusitana, o instante de génio, o próprio instante camoneano que o levaram a *trê-lo, a criá-lo*, a esse divino fixador do lirismo português de Quinhentos, em cuja lança de combatente tombou sangue de Deus e em cuja alma a raça foi sempre uma imagem de vital e uma certeza interior, uma auto-confissão eterna!

No «Luiz de Camões» de António Soares, além da parte documental que é o retrato-alma, há a maneira como foi realizado plasticamente o seu sonho de visão, e, simultaneamente o sortilégio das suas tintas, dum renovo de nuances, e dum bizarrismo antes dum inéditismo visual que lembram reminiscências de Ticiano e de El-Greco.

Os tons dum verde quasi irreal a que Soares deu um tom pessoalíssimo que espanta pela perfeição com que os derrama, os traça e os acarinha, amantíssimamente, espantaram-me e maravilharam-me.

Só de facto, um grande alguém em qualquer pintura responsável do mundo, faria uma obra semelhante. «Il est séduisant de prononcer que l'art ne constitue que le rapport entre l'artiste et son œuvre et non le rapport entre l'artiste et le monde extérieur».

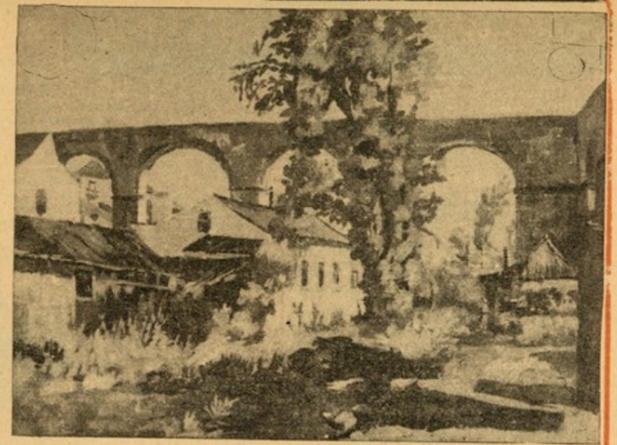
«Mas enfim qu'es-ce un génie en soi? Je ne connais qu'une chose qui est œuvre de génie un résultat», diz Pierre de Colombar a propósito do El-Greco tão actual sempre de Jean Cassou. Pois bem, temos em António Soares um caso semelhante. Aqui, no seu «Camões» existe uma equivalência manifesta entre o artista e a sua obra, ao mesmo tempo que nenhuma analogia há entre o sonho de criação e o mundo exterior.

Além, pois, duma admirável criação o «Camões» de António Soares é um resultado, um resultado total do seu valor e da sua imaginação plástica criadora. Pena é que muitos indivíduos que redigem corajosamente sobre pintura portuguesa não tivessem visto no «Camões» de Soares mais do que uma criação histórica, plasticizada e realizada com tintas estranhas.

Quando, afinal, o «Luiz de Camões» de António Soares é uma criação interior, uma transfiguração anímica a que o seu raro poder de plástico soube dar uma humanidade, quasi uma santificação heróica, se isto não é levar demais o paradoxo a limites sobrehumanos. A coerência notável entre o sonho interior do criador do «Camões» e a forma plástica como o realizou atnda a El-Greco e a artistas semelhantes ao seu génio como Ticiano, ao falar de «l'artist.», de l'homme, qui s'occupe peu de la matière de son œuvre, qui s'intéresse uniquement à sa perfection».

O lugar deste quadro de António Soares (já o dissemos há sete anos) que resgata alguns lustros de pintura moderna portuguesa é imediatamente no Museu de Arte Contemporânea, *primus inter pares*. Eis o seu lugar lógico, o seu lugar justíssimo, atendendo a que até à data o Estado ainda sequer não

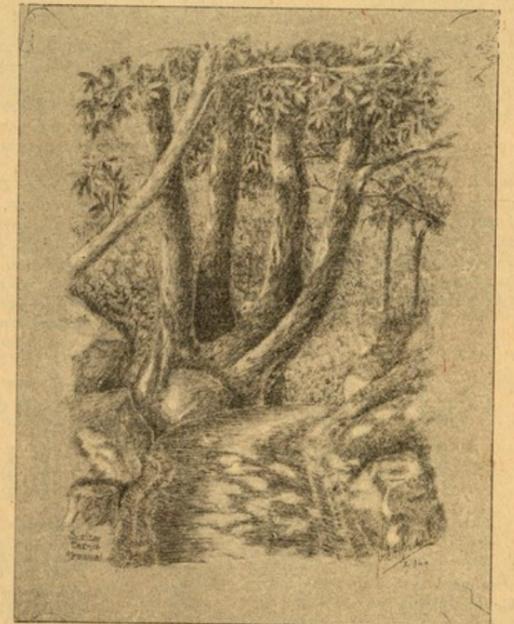
(Continua pág.



JOSÉ RIBEIRO VAI EXPOR

José Ribeiro, um dos novos que, de algum modo, tem andado arre-dado do públicos — há três anos que não expõe sozinho — vai apresentar, agora, cerca de meia centena de quadros — óleos e desenhos que, certamente, confirmam êxitos anteriores e o mérito deste artista que, de obra para obra, revela maior segurança técnica, progressos nitidos e um profundo e humano sentido de perfeição.

A nova exposição de José Ribeiro que se vê, ao lado, na foto, abrirá no dia 20, na Sociedade Nacional de Belas Artes e é aguardada com justo interesse.



UM DOS «ARTISTAS SINTRENSES»



Todos os anos, quando o céu de Sintra se tingi de um azulineo mais forte, os artistas que lá vivem, formam parada e mostram o que foi o labor de um ano. São mais de uma dúzia. Mas, de entre todos, queremos destacar hoje José Alfredo que, nas duas últimas exposições, se colocou à cabeça. O seu traço é original e largo, sem, todavia, deixar de revelar preocupações de pormenor. José Alfredo, que é de Sintra, está a organizar uma exposição para apresentar em Lisboa.

O desenho que damos junto reproduz um trecho do Parque Municipal de Sintra. Juntamente, damos uma caricatura de José Alfredo, feita por Maria Almira, outra artista de Sintra, que, últimamente, tem passeado a sua arte pelos jornais de Lisboa, principalmente como caricaturista.

MUSAS ao VENTO



Estas verdades p'rá grei
Que escrevi, em bom conceito,
Pode-as ler qualquer sujeito;
Mas se disser que as roubei
Ao Abade de Jazente...
Mente.



Andar muito embonecado
Ter amor, ter afectos,
E depois de já ter netos
Querer fingir d'apaixonado
Sem se lembrar que não pode
E um pagode!



O que consente à mulher
Ela andar na alta roda,
Dançar as danças da moda
Com quem muito bem quiser,
Tem o destino marcado...
No fado.



O que consulta tôda a gente,
Com um modo rude e tétrico,
Dá empurrões no eléctrico
Querendo fingir de valente
Acabará — que deliciat! —
Na policia.



Quem tem sempre mesa posta
E joga, anda em noitadas,
Tem damas e faz jornadas,
E nunca torna resposta
Aos que lhe pedem esmolas...
Ora bolas!



MONSIEUR FRANÇOIS

ESTAMOS a vê-lo, impedível, protocolar, «regisseurs», de casaca, flor ao peito, exclamando para o público, da pista do Coliseu: — Tenho a honra de lhes apresentar...

E segue-se o nome e a descrição do fenómeno, sempre extraordinário. Por exemplo: o homem que anda de cabeça para baixo ou a mulher que se equilibra na ponta da lingua!

Pois a nós nos cabe hoje, honrosamente, o papel de «Monsieur François». Da nossa pista, envergando uma casaca de papel onde colocamos uma flor literária, também hoje exclamamos para o público que nos lê:

— «Monsieur François! Um dos maiores fenómenos da actualidade. Aqui o têm! Só um empresário como o sr. Ricardo Couêes teria oiro bastante para o contratar!

E, entretanto, aqui que ninguém nos ouve, ninguém mais simples, mais modesto, do que este homem encasacado que conhece meio mundo, para quem o circo não tem segredos, e que daria um excelente livro de memórias — se ele o quisesse fazer!

— Atenção! Muita atenção! «Monsieur François» vai executar um número, um grande número...

E sobre um fio de arame — o fio de arame da vida — vê-se François, de casaca, de flor ao peito, impedível, protocolar, fazendo equilibrios, com dois patacos numa das mãos, e na outra as pesadíssimas despesas dum honrado chefe de família...

OS HUMORISTAS

ESSE constante trabalhador intelectual que é Mário Gonçalves Viana escrevia-me, há dias, ao enviar-me as «Poesias» do Abade de Jazente que a sua amável erudição tão bem soube prefaciar e anotar: «Mando-lhe essa visão de um dos maiores humoristas e satíricos de Portugal». Muitas das poesias coligidas já eram minhas conhecidas, mas tenho de confessar que as «notas» de que Mário Viana as acompanhou me elucidaram sobre muitos pontos e me ajudaram a compreender melhor ainda, não apenas as suas intenções críticas ou sentimentais, mas a própria maneira de ser do seu autor. Mais uma vez, recordando a figura de Paulino António Cabral — era este o nome do célebre Abade — e relendo a sua vasta obra satírica, pensei quanto é, muitas vezes, diferente do que se julga a existência dos humoristas. Para muitas pessoas que se guiam apenas pelas aparências os humoristas são as pessoas mais felizes do mundo. Confunde-se, facilmente, humorismo com felicidade. Desta confusão resultam, com frequência, ilações erradas. O «humour» não passa até, em regra, duma espécie de reacção espiritual contra a tristeza, quer ingénita do humorista, quer suscitada pelo ambiente que o cerca. Os humoristas profissionais — os comediógrafos, os folhetinistas, os caricaturistas, os poetas satíricos, os «jongleurs» literários da amedota e do dito de espírito — são, geralmente, no fundo, os seres mais melancólicos da terra. E o caso do Abade de Jazente. Vendo bem, este alegre poeta de oiteiros sofria de melancolia. O seu riso escondia lágrimas. Em muitos dos seus versos, não obstante a viva ironia que nêles palpita — ou talvez por isso mesmo — surpreende-se, a cada passo, um pessimismo ingénito e doloroso. Na afirmação tão exacta de Júlio de Castilho, as suas sátiras (que, aliás, não ferem, nem ofendem ninguém) não são um desabafo que restaure: são um travo de amargor. Ele próprio se considerava a pessoa mais triste que o sol luzente cobria. O mundo do seu tempo compreendeu-o mal. Ainda hoje, por certo, o não compreenderdo bem aquêles — e são tantos! — que se esquecem das dores e dos infortúnios que escondem, às vezes, os risos e a ironia.

MUSAS ao VENTO



Letrado que arrasta a causa
Com mil enredos astutos
Que lê feitos circundutos
E se passeia com pausa,
Falando só no escritório...
São Gregório!



Aquela que tem fumaça
E pretensões a excelência,
Sem se lembrar que o «boscência»
Não se dá assim, por graça,
A quem nasceu de tamanca...
Boa tranca.



Quem jogar e só perder
Não tendo com que pagar,
Ter amor e ver mudar
A dama que bem se quer
O que é de ir às do cabo...
Vá p'ró diabo.



O que faz versos ou prosa,
Romances ou teatradas,
Comédias, dramas, farsadas
Embora coisa feita,osa,
Seja este ou seja aquêlle...
Fugir dêle.



E leitor, tu que és alguém,
Se subires esta «Calçada»
E não achares engraçada
Tôda a graça que ela tem,
Dir-te-ei, sem insolência,
Paciência!

OS ÍNDIOS DA COLÔMBIA

A população da Colômbia, primitiva, tem ainda aspectos selváticos, em que a tradição se funde com a curiosidade.

Várias raças confluíram aí para se reunirem em tipos estranhos, duma clarividência extraordinária e com singulares particularidades no que respeita ao modo de viver.

Vejamos alguns aspectos ricos de interesse e de rusticidade, que nos oferecem os mais rudimentares dos índios da Colômbia — os célebres índios cuja reputação famosa tem servido de fundo a muitos e excitantes romances de aventuras...



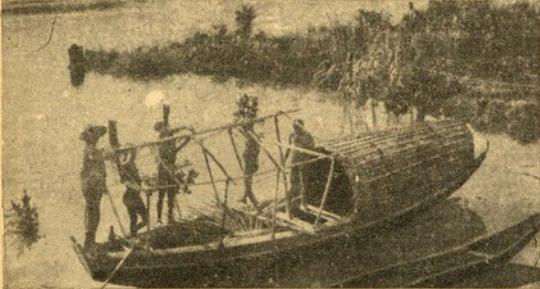
Eles vivem assim, nestas cabanas de aspecto quasi primitivo e que formam pequenos agrupamentos.



Eis um índio Quapico da tribo dos Tigres, os quais habitam nas margens do rio Tigre.



Aqui temos os «Capitães» ou guerreiros Guananos. O escudo é forte, feito de fios entrelaçados. E as lanças andam sempre envenenadas.



Aproveitam para as suas viagens barcos típicos que arrostam e a força das correntes bravias.



Finalmente, o único templo católico do interior: o templo de São Sebastião, na Serra Nevada de Santa Marta.

ITINERARIO PITORESCO

QUANDO se falava em Nuremberg ocorre-nos sempre uma visão fantasista de cidade do Pal Natal...

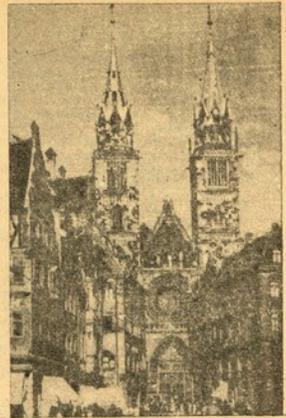
...Então, Nuremberg, feliz, romântica, rica de pitoresco e de curiosidades, era bem o que poderia chamar-se a *Capital dos Brinquedos*.

De facto, essa cidade, onde se convocaram as Diets Imperiais, como Carlos IV estabeleceu em 1336, na sua «Bula Aurea», e onde cerca de setecentos anos mais tarde Adolfo Hitler mandou reunir todos os Congressos do Partido Nacional-Socialista — possuía as melhores e maiores fábricas do mundo destinadas apenas a construir os mais belos brinquedos.

Brinquedos para as crianças de todas as classes, de todas as crenças e de todas as raças!

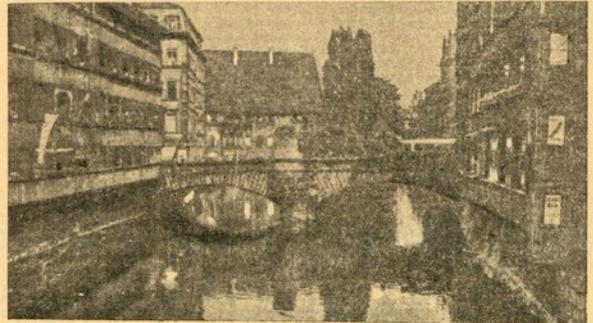
Mas não só nos seus brinquedos reside a fama de Nuremberg. Não! Espalhados pela cidade havia — e há! — monumentos e recordações a atestar uma tradição envolta em interesse e respeito...

...A Igreja de Santa Marta, entre muitas outras, essa igreja que recorda festivamente a figura singular de Hans Sachs, o sapatelro-trovador,



A igreja de S. Lourenço, um dos mais belos templos de Nuremberg.

NUREMBERG, A CIDADE DOS BRINQUEDOS



Pitoresca via fluvial da antiga cidade

e os mestres cantores que ali vinham receber, entre as paredes já velhinhas, as suas primeiras lições de canto...

...A Igreja de São Lourenço, com as suas torres enormes, altíssimas e os seus altares sumptuosos que ainda hoje são considerados como obras primas dos séculos XV e XVI...

...O Palácio do Consistório, jóia da arquitectura antiga, que obedece estritamente, fielmente, aos canones do mais puro gótico...

...A famosa casa de Dürer, o pintor maravilhoso, o génio de Nuremberg, que a cidade venera como a sua maior glória...

...A Fonte Monumental, onde está perpetuado o nome do inventor do relógio de algibeira, Peter Heulein... E tantas outras, e tantas outras recordações notáveis!

Mas hoje os aviões passam na sua ronda de ódio e de destruição. Será ainda Nuremberg a capital dos brinquedos?

IMAGENS DO MUNDO

NAS TERRAS DO FIM DO MUNDO

Nas terras do fim do mundo, as mães transportam os filhos assim... tão cómodamente. E o mais curioso é que ambos sorriem!





Uma bela atitude de Manuela Freitas, da classe de ginástica educativa

UM GRANDE ESPECTACULO DE ARTE O Lisboa Ginásio Clube

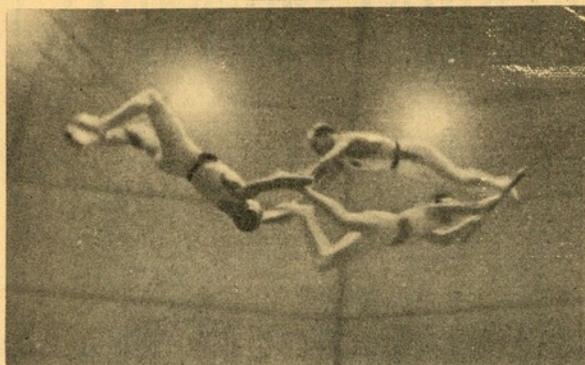
apresentou as suas classes
no Coliseu dos Recreios

NÃO há hoje quem não o reconheça: os saraus promovidos pelo Lisboa Ginásio Clube marcam sempre como grande espectáculo de beleza e de progresso técnico. E foi reconhecendo esta verdade que as entidades oficiais receberam sempre as manifestações do simpático clube com a mais alta deferência — traduzida pela presença do sr. Presidente da República, ministro das Colónias e sub-secretário da Educação Nacional no último sarau organizado. Por sua vez, o público acorre sempre com o maior interesse por estes espectáculos, a que não falta um elevado cunho desportivo e uma acentuada categoria artística. A última festa registou, como sempre, uma das mais belas casas esgotadas: o Coliseu a regorgitar de gente moça.

Que nomes deveríamos aqui salientar? Sem dúvida, seriam tantos quantos os que tomaram parte no espectáculo: os que fizeram ginástica educativa, os que fizeram pugilismo, os que trabalharam nas argolas em balanço, em barra fixa, os que tomaram parte no jogo de pau, os que tomaram parte nos bailados rítmicos, em vãos e mesa alemã...

Estão, pois, de parabéns, os dirigentes do Lisboa Ginásio Clube e quantos tomaram parte no seu último sarau — imagem dos que serão apresentados brevemente em Madrid, Barcelona e Valencia, e que marcarão como grande acontecimento da vida do desporto peninsular.

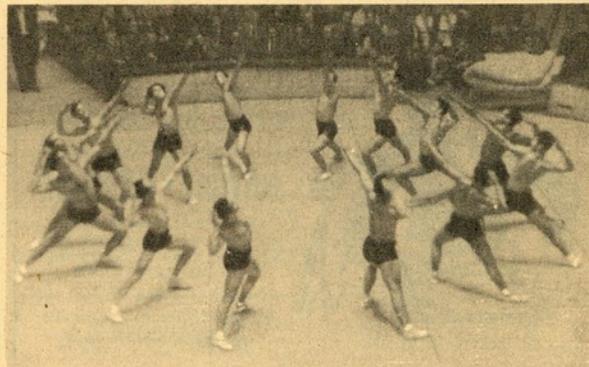
Nesta página damos algumas imagens recolhidas durante o espectáculo do dia 4, por Jorge Garcia.



Vão cruzado, nos vãos à Codonos



Um número de ginástica educativa da classe de senhoras



Outro número de ginástica educativa da classe de homens

TRÊS ASPECTOS DOS BAILADOS RÍTMICOS EXECUTADOS PELAS ALUNAS DE M.^{ME} RUTH ASWIN



FÁBRICA PORTUGAL

APRESENTA O MELHOR
SORTIDO EM:

CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA



NOS SEUS SALÕES DE VENDA

RUA FEBO MONIZ, 2-2º - TEL. 47157-8-9
PR. RESTAURADORES, 49-57 - > 2 4948
AV. DA REPUBLICA, 57 - > 4 1189
RUA DA GRAÇA, 82-84 - > 4 9109

PARA SER BEM SERVIDO SEJA CLIENTE DESTA BOA CASA

* LUSTRES *



APLIQUES * CASTIÇAIS * ABAT-
JOURS * CANDELABRÓS * CANDIEI-
ROS DE MESA * RESTAURAÇÕES

J. P. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (Á. R. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

VM

INVERNO...

REUMÁTICO...
PARALISIA DA VIDA!

Algumas fricções de

BAUME BENGUÉ

e a vida continuará
NÃO DEIXE QUE AS DORES
REUMÁTICAS LHE TOLHEM
OS MOVIMENTOS

*Adquirir por Esc. 15\$00, em
qualquer Farmácia, uma bis-
naga deste bem conhecido*



BAUME BENGUE

O ANALGÉSICO DAS DORES

**PASTA
MEDICINAL**

Couto

TRATA TODAS
AS
DOENÇAS DA
BOCA



M. CAMPOS

RAINHA DA HUNGRIA

Sabe responder

RESPOSTAS

- 1 — Salzburgo.
- 2 — Islândia, desde o século IX.
- 3 — Na Islândia, que, ao todo, forma 29 vulcões.
- 4 — Voltair.
- 5 — Flaubert.
- 6 — O de Carrara.
- 7 — Madame Butterfly.
- 8 — Carlota Corday.



A nova fórmula de «FIXINA», criada em 1944, fixa, dá brilho e não seca. Exija «FIXINA»

FIXINA
O fixador
de cabelo das
pessoas distintas

1944.

Botão maior, 15\$00
Botão menor, 10\$00

Vende-se nas boas drogas, barbearias e outros estabelecimentos. Laboratórios Rudi — Rua S.º Idefonso, 28, Porto — Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., Ltd. — Rua dos Fanqueiros, 135-3.º, Dt.º — Telef. 4 8582

FAÇA DE PAPEL



Dois momentos da vida de Inamuno

MIGUEL Inamuno foi um filósofo de espírito perspicaz, observador, crítico inteligente e levemente irónico. Certa vez que, em Paris, passeava pela Rua Rivoli, muito movimentada, teimou que havia de atravessar, antes do sinal de livre trânsito lhe dar ordem de passagem. E, por mais que Ledasma Miranda lhe pedisse que esperasse, Inamuno teimou na sua impaciência de meridional — e atravessou a rua. O mais interessante foi que os carros pararam para deixar passar o filósofo, que comentava daí a pouco:

— São geniais estes «chauffeurs»! O respeito que eles têm pela filosofia...

D. Miguel Inamuno, como se sabe, esteve em Portugal. Um dia, passeava lá com um nosso compatriota braço-nado que, à venda, acima, não se cansava de lhe dizer:

— Não é verdade que é uma monstruosidade, este Pombal?

Inamuno não dizia que sim nem que não mas, a certa altura, como quem desperta, perguntou:

— Não foi Pombal que expulsou os jesuítas?

O português disse que sim, e o espanhol concluiu:

— Ah! compreendo, este Pombal é uma monstruosidade...

* De Charles Oulmont, um autor francês tão conhecido dos leitores portugueses, apareceu, há pouco, a tradução de «Adão e Eva», feita pelo Dr. Rodrigues Tocha, com aquêlo bom sabinete que é timbre do nosso ilustre colaborador. «Adão e Eva», editado pela Gleba, é um dos melhores romances de Charles Oulmont — um estudo romancado do que o autor chamou «sentimento e fisiologia do amor», e onde há crueldade, dureza sincera, pinceladas de um grande artista, ao contemplar o homem perante si próprio e a mulher. «Adão e Eva» — uma história do nosso tempo, ficará como um documento da alma humana.

* Também o sr. dr. José de Almeida Eusébio publicou «Lusitandade portuguesa e brasileira». Trata-se do discurso proferido na sessão solene, de homenagem ao sr. embaixador do Brasil e que é uma bela manifestação literária e uma contribuição de apreço para a aproximação das duas pátrias irmãs.

* O sr. dr. Carlos Babo publicou «Assistência Judiciária» — editada pela Livraria Latina Editora — um trabalho cheio de «relvêto literário», escrito com o coração e a inteligência e em que se faz um estudo do que tem sido, através dos séculos, a justiça ao serviço dos que não têm quem os defenda.

* «O doente de cisma» e «O médico à força», são os dois pequenos contos tirados por Henrique Marques Júnior de duas das mais conhecidas peças de Molière. Esses dois contos, porém, não se destinam a adultos. De assuntos sérios mas onde não falta extraordinário engenho, foi possível extrair dois contozinhos pitorescos para crianças. Creemos que não será preciso enaltecer uma vez mais o mérito destas obras que põem os pequenos leitores em contacto com a boa literatura universal e que formarão a base da sua futura cultura, em lugar de encher a cabeça das crianças de uma fantasia absurda e inútil. A edição pertence à Coleção Pinóquio.



HÁVERA CRISE DO LIVRO PORTUGUÊS NO BRASIL?

AQUI há tempos, falando com um editor conhecido, a respeito do livro português no Brasil, informamos:

— Presentemente, pode dizer-se que o mercado brasileiro não existe para o livro português. Vão obtendo exemplares de uma edição e nem esses, às vezes, se vendem...

Em relação às edições brasileiras, a posição não é a mesma. Em Portugal lêem-se hoje milhares de livros que o Brasil nos envia — umas vezes traduções, outras vezes originais de escritores brasileiros.

Não é nosso empenho estudar aqui o problema nem mesmo lamentar a falta de reciprocidade. Em alguns casos, os nossos autores serão os culpados, porque não escrevem obras capazes de ter projecção fora do ambiente caseiro; outras vezes, a culpa talvez esteja nos próprios livreiros que vendem livros portugueses no Brasil. De qualquer modo, porém — e tudo isto é apenas um a-propósito — o que aqui queremos, neste momento, é fazer referência a uma entrevista que o nosso compatriota H. Antunes — dos mais conhecidos livreiros portugueses do Brasil — concedeu a um jornal brasileiro, num grande inquérito de há tempos:

«Nunca houve nem há o problema do livro português no Brasil, como algum, erradamente supõe, visto que, desde remotas eras, os editores de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Barcelos e outras cidades onde existem casas editoras, têm mantido sempre activas relações comerciais com os livreiros do Brasil.

As palavras de H. Antunes firmam-se, em seguida, nas opiniões de Agripino Grieco, que escreveu: «nunca se louvará demasiado a benevolência dos editores portugueses em relação ao Brasil». Mas, o conhecido livreiro termina assim a entrevista, reportando-se à última visita de António Ferro ao Brasil, altura em que lhe foi proposto por H. Antunes:

— Manter alternadamente, nos jornais do Rio, uma vez por mês, um anúncio ou mapa indicando a produção mensal das edições portuguesas, nome do livro, autor, data da edição, nome do editor, por conta do consulado português. Quanto à parte comercial, cada pretendente procuraria adquirir os livros como melhor lhe conviesse, ou directamente aos livreiros em Lisboa e Porto, ou por intermédio dos seus representantes neste país. Não haveria favoritismo quanto à parte comercial, de forma a evitar concorrência desigual. António Ferro olhou com simpatia a ideia que, segundo adianta o livreiro, é provável que ainda venha a concretizar-se.

Até que ponto, pois, seria realizável esta ideia?

António Feio diz-nos o que vai ser a sua colecção «Páginas de Amor»



No nosso meio livreiro, hoje levado a um desenvolvimento nunca atingido em terra portuguesa, reflexo de um maior grau de cultura do nosso povo e de um maior carinho pelo livro, aparece uma nova colecção que, pelo tema que versa, cremos estar destinada a êxito.

«Páginas de Amor dos melhores escritores portugueses» é o primeiro volume do trabalho a que António Feio e Raúl Feio meteram ombros, com coragem e muito entusiasmo.

António Feio, que durante muito tempo andou nestas lides da imprensa, diz-nos o que vai ser a sua interessante colecção de páginas de amor.

— A ideia é vasta e de difícil execução. Eu e Raúl Feio temos em vista reunir em alguns volumes, talvez uns quinze, o que de mais belo e de mais elevado o homem escreveu sobre o amor. Dentro de cada volume, procuraremos apresentar os melhores nomes da literatura de um só país, pela sua ordem cronológica. Daí acontece o leitor apreciar a evolução lenta do amor, em todas as suas manifestações espirituais e realistas. Com a colecção de todos os volumes, não só observaremos as transições do Amor através do tempo, desde o classicismo ao realismo, passando pela sua grande fase romântica, como poderemos analisar a maneira por que foi tratado o mais belo sentimento da humanidade, consoante a nacionalidade de cada autor, já que, como

sabe, religião, costumes, clima, são factores que influem poderosamente nas manifestações do sentimento.

— Com que trecho dão começo ao volume?

— Desde que resolvemos incluir só os prosadores de filiação, recuámos até ao romance dos Lobelras, o conhecido e discutido «Amadís de Gaula», com excelentes páginas de amor, na versão primorosa de Afonso Lopes Vieira.

— Que outros autores incluem no primeiro volume?

— Sóror Mariana, Garrett, Hérculano, Camilo, Eça, Fialho, Malheiro Dias, Aquilino, Ferreira de Castro, João Dantas, Vitorino Nemésio, Régio, Campos Pereira, Paço de Arcos e Magnus Bergström, com páginas de «Viagens na minha terra», «Eurico», «O Bem e o Mal», «Os Masas», «Contos», «Paixão de Maria do Céu», «Maria Benigna», «Eternidade», «A Severa», «Mau tempo no canal», «O príncipe com orelhas de burros», «Corpo e Alma», «Ana Paula» e «Coitas de Amor». As páginas escolhidas constituem só por si um trecho completo, tal como um conto ou uma novela. Muitas vezes iniciámos a transcrição antes da cena escolhida, para lhe não destruímos o equilíbrio e o interesse. Cada trecho é, ainda, precedido de uma referência ampla sobre o seu autor.

— E que volumes mais tencionam publicar?

— Todos os que pudermos, entre os quais lhe posso referir: páginas de amor dos melhores escritores franceses, brasileiros, ingleses, norteamericanos, eslavos, alemães, Italianos, indo até aos orientais.

E, a terminar:

— O assunto, como vê, é vastíssimo e de constante interesse.

AUTORES DE HOJE «VAMOS LÊR...»

ANTUNES DE PAIVA



PODE dizer-se que é uma estreita literária, esta de Antunes de Paiva, que acaba de publicar «Monsanto, terra de sonhos» — uma colecção de contos montanos, de certo já uma promessa de que teremos mais um novo escritor. «Monsanto, terra de sonhos» não será ainda um livro definitivo, a plena forma do prosador. Mas é, com certeza, uma bela estreia, uma excelente afirmação literária, onde há frescura, vigor e uma certa simplicidade criadora de quadros verdadeiros, destes que entram pela sensibilidade do leitor e se lhe põem mesmo diante dos olhos. Evidentemente, isto não constitui uma nota crítica mas uma simples referência ao aparecimento de um novo autor que chega em boa hora e de quem esperamos a confirmação do mérito que aqui revela.

* Os Drs. José Ribeiro dos Santos e Luis de Oliveira Guimarães preparam o segundo volume de «As memórias dos outros» — que, desta vez, serão apenas «As memórias delas».

* Augusto da Costa apresentará em breve um novo romance: «Os olhos eram verdes», que é a história de uma senhora elegante que encontra no seu caminho um pobre dos seus sonhos.

* Apareceu hoje à venda «Primavera cinzenta», o novo romance de Francisco Costa, editado pela Parceria António M. Pereira.

...De Manuela de Azevedo vai aparecer o seu primeiro trabalho de ficção — um romance, ainda sem título, e que será editado pela Parceria António Maria Pereira.

...«Os olhos eram verdes» é o título do próximo romance de Augusto da Costa.

...Natividade Freire prepara para breve mais um volume de poesias — «A alma daquela casa» — e sua irmã, Maria da Graça Azambuja, vai aparecer com o seu primeiro romance, «Quando as vozes se calam».

...Leão Penedo tem quasi concluído o seu novo romance «Círculo», e que será editado pela Inquérito.

A caminho de Paris?

PODE parecer exagerado falar de divergências entre os dirigentes dos países que compõem a coligação apelidada das Nações Unidas. Não se poderá, entretanto, deixar de ter presentes as dificuldades que se evidenciam e que constituem obstáculo de grande monta ao eficaz funcionamento da coligação. Se não quisermos, pois, falar de divergências, não fechemos, porém, os olhos às dificuldades.

Essas dificuldades revelam-se no plano político e no plano militar. No plano político, é difícil deixar de ter presente a atitude de cada um dos governos de Londres, Washington e Moscovo no que diz respeito à evolução de cada um dos problemas subsequentes da guerra: caso italiano, caso polaco, caso jugoslavo, caso grego. O próprio caso francês, desde o aproveitamento do concurso de Darlan, o despique Giraud-De Gaulle e, mais tarde, o das condições do reconhecimento, forneceu, numa série de escalas, a posição individualizada de cada uma das três grandes potências.

Se, no plano político, essas dificuldades são evidentes mas podem trair a arrastar-se — até vê-lo-emos... — no domínio militar as consequências são muito mais graves, porque se trata, efectivamente, de ganhar a guerra ou de deixar que ela se prolongue. De um modo geral, desde que se estabeleceu na Europa o que, antes disso, se chamava a «segunda frente», raras têm sido os momentos em que se assistiu a um ritmo coordenado nos esforços, em que, à ofensiva a ocidente, tivesse correspondido a ofensiva a leste — ou vice-versa. De um modo geral, russos e anglo-americanos empenham-se, no seu próprio esforço, como se cada um fizesse a sua própria guerra e só por acaso acontecesse o inimigo ser o mesmo.

Esta evidência não há cortina que a faça encobrir e, na altura dos maiores desaires alemães, quando sempre aparecem pessoas que perguntam: — «Que é que eles esperam?» — bem se lhes pode responder que é isso mesmo que eles esperam, que é mesmo desse quadro de colaboração inexistente ou insuficiente que Berlim extrai as razões para prolongar a sua resistência.

Parece fora de dúvida que está em vésperas de se realizar um novo encontro dos três principais dirigentes das Nações Unidas: Roosevelt, Churchill e Staline. O Primeiro Ministro britânico, manifestamente, será mais uma vez o grande promotor, o grande agente activo da reunião. Ele, com os seus setenta anos, não foge a quantas deslocações se lhe apresentem como recomendáveis ou convenientes: para exemplo, o seu recente salto a Atenas. Na volta de Teherão, há pouco mais de um ano, uma pneumonia colhida no caminho foi um momento de sobresalto para a opinião britânica, que formulou então o voto de que Churchill se não expusesse, com tanta frequência, aos riscos e às fadigas das grandes viagens. Recentemente, nos Comuns, um deputado sugeriu que a Grã-Bretanha teria o maior gosto em albergar, no seu território, os «leaders» das três grandes potências. Mas Churchill, a estas horas, estará por certo muito mais preocupado com a importância dos assuntos a tratar do que com a perspectiva de uma nova viagem, que o poderá levar, pelos ângulos geométricos e acessórias conveniências políticas, até qualquer ponto do Mediterrâneo. A menos que, por um simbolismo a que o orgulho dos franceses não poderia ser indiferente, se tenha escolhido Paris para local dessa conferência, que pode muito bem vir a ser a preparatória do arranço final. Não faltariam razões para isso: a promessa de Roosevelt de que visitaria brevemente a capital francesa; o gosto de Churchill, que se sentiria como «at home»; a oportunidade de uma homenagem à França, que cada um dos «três» não deixará de querer lisonjear; a própria existência do pacto franco-russo e a importância que De Gaulle, pela força das circunstâncias, pode ser chamado a assumir como agente medianeiro. Na lista das «Conferências de Paris» que a história diplomática regista, esta não seria, porventura, das de menor significado.

J. R. S.



DEVIDO à sua acuidade tumultuosa e sangrenta, os factos ocorridos na Grécia têm, duma maneira geral, monopolizado as atenções do grande público, mal lhe permitindo abranger o que se passa em outros países onde, igualmente, se continuam a degladiar interesses de carácter interno e externo. A Polónia encontra-se neste caso. Tendo sido este país o factor próximo que provocou o rompimento das hostilidades, para não ficar nem parcial nem totalmente na dependência do Reich, o destino da Polónia, mercê da ocupação, das desinteligências entre os seus estadistas e das divergências de opinião entre as Nações Unidas, continua a ser a incógnita mais misteriosa deste enevoado panorama político europeu, sob cujos auspícios se iniciou o ano de 1945.

Vêm estas considerações a propósito do facto do «Conselho Nacional Polaco», com sede em Lublin, ter proclamado, no dia 1 de Janeiro, que a «Comissão de Libertação Nacional», da qual é representante oficial, passava a ser considerada o Governo Provisório da nação polaca.

Em alguns sectores da capital britânica afirmou-se, quando se soube esta notícia, que tal medida política já era esperada, nos círculos simpatizantes com os polacos de Lublin, depois que se registara a demissão do sr. Mikolajczyk e o rompimento de todas as tentativas de reconciliação entre o Governo soviético e os polacos emigrados em Londres.

A Comissão de Libertação Nacional polaca formou-se em Julho de 1944 e foi, imediatamente, aceite pelos soviets

...E, agora, a Polónia tem dois governos...

como o centro da administração de facto das áreas libertadas.

Mas, a declaração oficial do reconhecimento foi adiada pelo Governo soviético, enquanto este procurava chegar a acôrdo sobre a questão das fronteiras, com os estadistas exilados.

Ao que parece, uma grande parte destes preconceitos desvaneceram-se, em virtude do sr. Mikolajczyk ter sido forçado a demitir-se e o Governo, formado a seguir, não revelar quaisquer intenções de recomençar as negociações.

A escolha de Lublin para local da proclamação do novo Governo Provisório foi bastante hábil e teve segundo sentido. Foi nessa mesma cidade que se formou o Governo Provisório polaco que restaurou a independência da Polónia após um período de 123 anos de ocupação estrangeira pelas nações circunvizinhas.

Semelhante declaração — contra a qual o gabinete polaco de Londres protestou energicamente — veio colocar as Nações Unidas numa situação bastante dúbia e paradoxal.

O protesto dos emigrados traduziu-se por esta declaração do sr. Arciszewski, o novo Primeiro Ministro polaco na capital inglesa:

«O Governo polaco protesta veementemente contra esta tentativa feita pela Comissão de Lublin contra os direitos soberanos da nação polaca, a qual, ilegalmente, assumiu o título de Governo Provisório.

«A nação polaca nunca reconhecerá quaisquer fórmulas autoritárias ou totalitárias, impostos em território nacional, e não deixará nunca de defender a verdadeira independência da Polónia.

«Nas presentes circunstâncias, a nação polaca não tem outros meios de exprimir a sua vontade nem de manifestar a sua desaprovacão contra o novo acto ilegal levado a efeito pela Comissão de Lublin.

«A administração dos territórios limpos da ocupação alemã está nos mãos dum partido, principalmente, o Partido Operário Polaco, que actua sob vários nomes, e que nunca desempenhou qualquer papel importante na vida política polaca.

Por seu turno, o sr. Beirut, presidente da Comissão de Lublin, no discurso com que iniciou o desempenho das suas funções chamou «reacionários» ao chefe do gabinete exilado e ao sr. Mikolajczyk.

E afirmou: «A aliança da Polónia com a U. R. S. S., Grã-Bretanha e E. U. deve ser o alicerce duma paz geral. Sem o auxílio da U. R. S. S., a Polónia não se poderia ter libertado do domínio hitleriano.

«O renascimento do acôrdo franco-polaco (referência à presença dum delegado

de De Gaulle), é ditado por motivos de carácter defensivo e devido à tradicional amizade que une os povos francês e polaco.

Todavia, o que torna toda esta questão muito mais curiosa é, sem dúvida, a situação em que ficaram a Grã-Bretanha, Estados Unidos e Rússia.

O Governo polaco de Londres é reconhecido pela Grã-Bretanha e pelos Estados Unidos como sendo o Governo legal da Polónia, por isso mantém com ele relações diplomáticas e, no campo estritamente legal, os seus direitos são indiscutíveis.

A situação do Governo soviético continua a ser muito enigmática. Rompeu as relações com o Governo polaco; mas ainda o reconhece tácitamente, visto que Mikolajczyk foi várias vezes recebido em Moscovo como se ainda fôsse Primeiro Ministro.

Ao mesmo tempo, o Governo soviético tem negociado com a Comissão de Libertação Nacional, considerando-a a única autoridade de facto nas regiões libertadas da Polónia e sabe-se, perfeitamente, que nenhuma medida desta organização administrativa foi levada à frente sem o consentimento e a aprovação dos russos.

A questão, agora, resume-se em saber se Estaline e Molotov têm intenção de reconhecer imediatamente o novo Governo Provisório ou se esperarão pela reunião dos Ministros dos Negócios Estrangeiros ou dos «Três», para discutir e esclarecer a situação de cada um dos interessados.

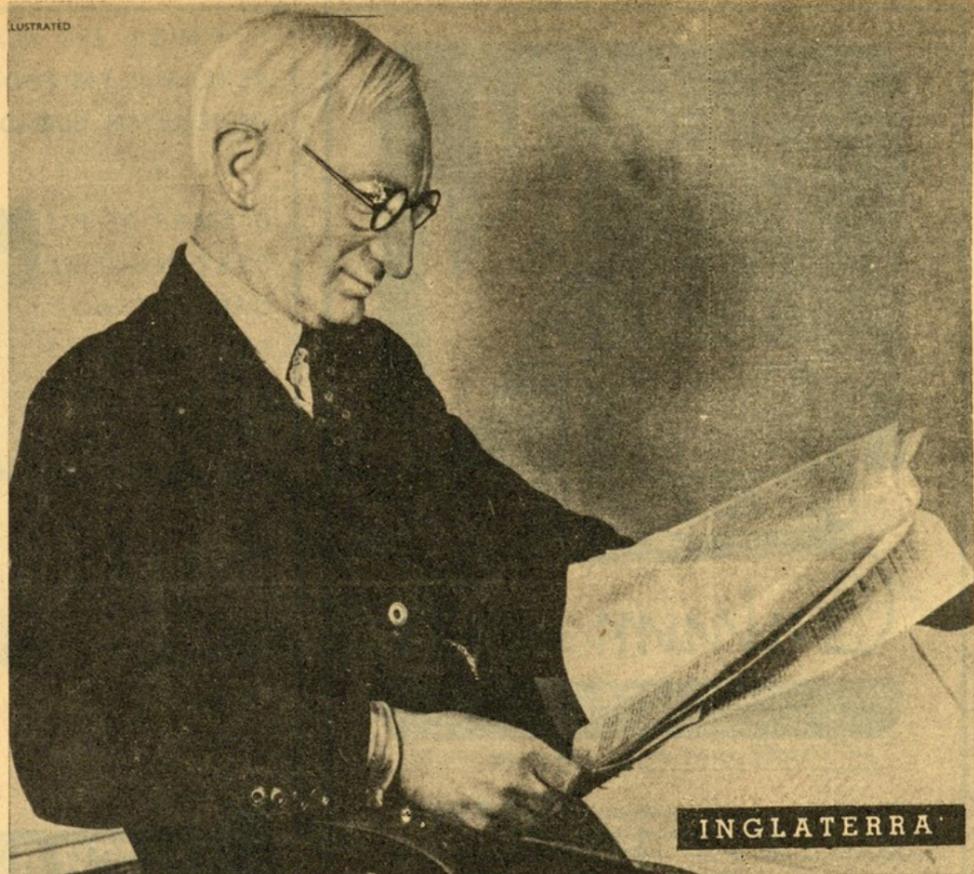
(Continua na pág. 14)

UMA INDISCIPLINADA

Na Câmara Consultiva. Acima da tampa da carteira aparece, às vezes, o fumo de um cigarro de Virginia... Mas, então, quem ousa infringir as regras estabelecidas?

É proibido fumar. Mas, a senhora Simard, delegada dos franceses do Canadá, parece não dar por isso. E ela quem fuma, é ela quem acende, de tempos a tempos, com o seu isqueiro, um bom «Craven». Depois, como uma menina indisciplinada, tira uma fumaça e mete o cigarro debaixo da carteira.

O sr. presidente — fizemos-lhe o nome, que é um símbolo: o senhor Gouin — será cego ou indulgente? Comentário de um jornalista francês: Não, ele é apenas galante.



INGLATERRA

DIZ "SIR" WILLIAM BEVERIDGE: VEM AÍ O FIM DA GUERRA... MAS NÃO PENSEMOS EM RETALHAR A ALEMANHA

TODOS sonham com o fim da guerra, todos aspiram a esse supremo alívio. Mas, do desejo à concretização de um desejo — vão as realidades da própria guerra, as suas necessidades, as suas exigências. Todavia, não faltam os «pregoeiros» da paz. E, um deles, precisamente, é «sir» William Beveridge, que anuncia: o fim da guerra virá com a Primavera!

O mais cedo, no fim de Março, terá acabado a guerra — a europeia, a nossa, evidentemente. E, o mais tardar, no fim da Primavera. Foi esta a opinião que deu «sir» William Beveridge, político e professor de Oxford, ao ser entrevistado por um jornalista americano que esteve em sua casa.

— A situação da Alemanha — declarou — será o mais possível crítica, em Abril ou Maio próximos. Então, os antigos stocks estarão esgotados, as novas colheitas não estarão feitas e os homens, fatigados pelo Inverno, estarão de mau humor.

«Sir» William fala, depois, do após guerra nestes termos: — Os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Rússia podem, se quiserem, manter a paz. Mas, para que esta paz seja duradoura, será preciso pôr no seu lugar a mística da «paz na honra», para a teoria da «paz na justiça».

E, mais adiante: — A guerra não deve depender da política nacional de cada país. Quanto à Alemanha, devemos vigiá-la apertadamente, para que o seu espírito bélico nunca mais renasça. Mas não devemos reduzi-la nem à miséria nem a retalhos. Para tudo o mais, todavia, será preciso que também a Alemanha seja livre depois desta guerra. As Nações Unidas devem, mesmo, protegê-la para que certos Estados não exerçam sobre ela a sua influência...

ALEMANHA

O níquel escandinavo e a indústria pesada alemã

OS bastiões da guerra económica alemã começam a acusar, em alguns pontos, uma compreensível decadência. Com a retirada dos exércitos, perdem-se naturalmente, muitas fontes de riqueza da terra, produtos da Natureza que regressam à posse dos seus legítimos donos. E, entre as perdas de carácter económico, deve registar-se o caso do níquel escandinavo.

Na estreita faixa do território fin-

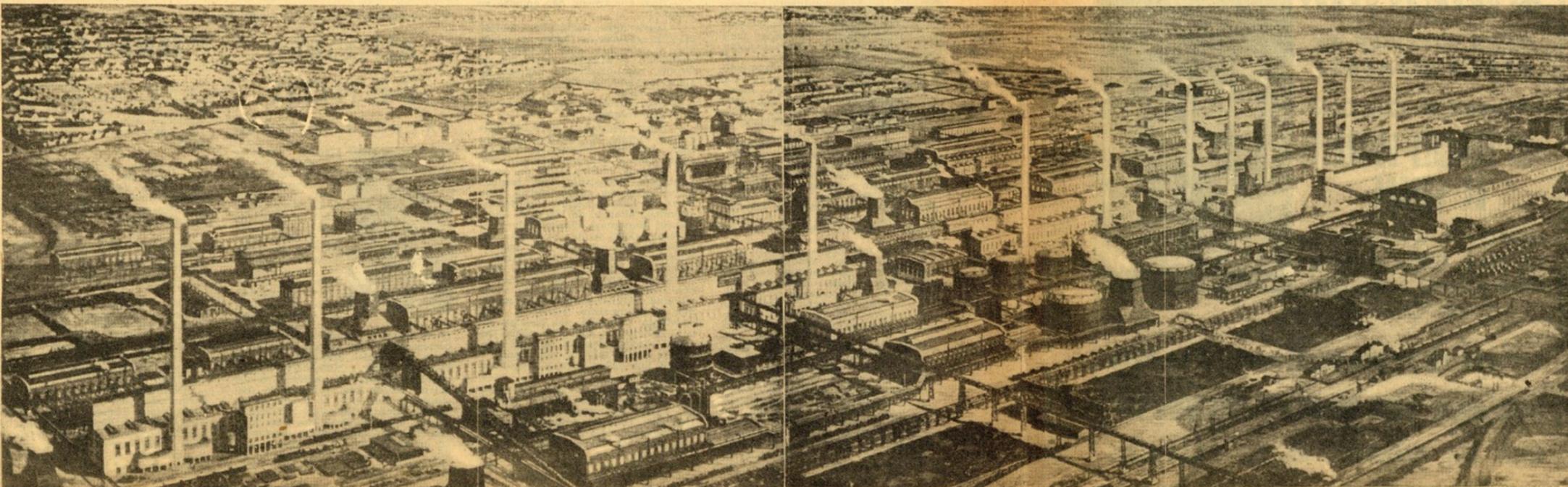
landês, que separa a Carélia da Noruega, não muito longe das minas de ferro de Sydvaranger, há inúmeros e importantes jazigos de níquel — muitos dos quais descobertos já depois das hostilidades em curso.

Ora, essas minas passaram à posse da Finlândia — e o níquel é indispensável à indústria pesada alemã. Que val, pois, fazer a Alemanha para alimentar a sua indústria de guerra, reparar o seu material rolante, e, em particular, reconstruir a ponte de trasbordó em Kiel e a ponte suspensa de Colónia que reclama 5 mil toneladas de aço ou níquel, neste momento que as minas de Petsamo, na Escandinávia, se lhe escapam das mãos?

A situação parece de um grande melindre, de baixo do ponto de vista da economia bélica, nomeadamente, se olharmos a que os Aliados dispõem hoje, para aproximar o fim da guerra, das fábricas russas de Oufalé e de Orsk, a primeira funcionando com matérias-primas levadas de Ekaterinburgo, a segunda de Khabarovsk; das fábricas americanas de Coniston, de Clearfield d'Huntington, de Cooper Cliff, de Port-Colborne; das fábricas inglesas de Clydach e de Acton. Todas elas prosseguem num esforço brutal, numa regularidade obstinada de vencer. Poderá a Alemanha acompanhá-las na corrida?

BOMBAS SOBRE O RUHR

E no Ruhr que as matérias-primas alemãs sofrem o alto benefício que as há-de industrializar. Ali, a área dos estabelecimentos fabris abrange aspectos como este, situado em Ludwigshafen. O Ruhr é, de facto, o grande centro de produção de guerra alemã — um dos maiores centros de produção de aço, em todo o mundo. Por aqui têm passado os bombardeiros alemães, levando a destruição de muitos dos estabelecimentos fabris.





Brilha
NO VOSSO LAR COMO UMA
AUTÊNTICA JOIA

Centrum RÁDIO

*Uma verdadeira precisidade artística que
fará o encanto dos vossos ouvidos.
À venda nas boas casas de rádio*

Distribuidores em Portugal para revenda: **FILRADIO**

Rua da Madalena, 66, 2.º, Dt. — Lisboa

Distribuidores no norte do País: **PERES PESSOA & C.ª L.ª**

Rua Fernandes Tomaz, 749 — Pórtó

Distribuidores no centro do País: **MONTEIRO & IRMÃO, L.ª**

Largo da Portagem, 5 — Coimbra

O AMOR DE MÃI
REVELA-SE EM TODOS
OS PEQUENOS CUIDADOS

★

O AMOR DE PAI
DISTINGUE-SE
GARANTINDO O
FUTURO DOS
SEUS FILHOS
POR MEIO DUM
SEGURO

DOTAL

FEITO NA



★ **ULTRAMARINA** ★

RUA DA PRATA, 108 — LISBOA — TEL. PABX. 23348/9

MEIAS E MALHAS INTERIORES
MEIAS E MALHAS INTERIORES
MEIAS E MALHAS INTERIORES
MEIAS E MALHAS INTERIORES

Meia de Vidro

MEIAS E MALHAS INTERIORES

RUA AUGUSTA, 158 / RUA DA VICTORIA, 58-64 / TEL. PROVISÓRIO 25632

... E, AGORA,
A POLÓNIA
TEM DOIS
GOVÊRNOS...

(Continuação da pág. 13)

Em face do exposto, não se pode deixar de notar que, precisamente, quando o problema da Grécia tende para uma relativa estabilização, o da Polónia recomeça a adquirir aspectos que podem degenerar internamente num conflito semelhante ao ocorrido na nação helénica. E, assim, a Polónia que já sofreu a invasão e a ocupação, está em riscos de se transformar também em teatro dum guerra civil.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO
(Sobrinho)

BELFORD

**DEIXEMME
VIVER!...**
Romance

VIDA MUNDIAL EDITORA L.ª

UM LIVRO EMPOLGANTE

FUGIU UMA ESPIA...

Por **CHARLES BERRY**

VERSÃO LIVRE DE
GENTIL MARQUES

1 VOLUME DA COLECÇÃO

«OS GRANDES ROMANCES
DA GUERRA»

HISTÓRIA AVENTUROSA
DE UMA ESPIA RUSSA:
DRAMATISMO, MISTÉRIO
EMOÇÃO!



À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

Pedidos directos: **VIDA MUNDIAL EDITORA, L.ª**

RUA DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA

Concursos mensais de Mistério e Aventura

COMEÇAM finalmente neste número os «Concursos Mensais de Mistério e Aventura». Os problemas publicados dão origem a dificuldades, ainda que todos eles, desde já, obedeçam a uma rigorosa seleção quanto à lógica e à originalidade.

Para completa elucidação dos leitores e como referência necessária aos que desejam concorrer ao nosso Sistema Particular de Apostas, indicamos a seguir os quatro problemas que serão apresentados no 1.º Concurso Mensal, ou seja durante o mês de Janeiro. Elos, com os respectivos autores:

- Problema n.º 1 — Houve um crime no «dancing», por R. P.
- Problema n.º 2 — O roubo das jóias, por «O Lobo Solitário».
- Problema n.º 3 — Envenenado!, por Leiria Dias.
- Problema n.º 4 — O crime do jogador, por Artur Varatojo.

Está já a ser seleccionada a 2.ª série, para o Concurso de Fevereiro, a qual será anunciada no número de 24 de Janeiro de 1945.

E, entretanto, vão enviando os vossos problemas...



Correspondência

Agradeço, por este meio, cordialmente, e retribuo, com toda a sinceridade, os votos de ano feliz que me enviaram João Alberto Gouveia, Leiria Dias, Detective de Calças, Esó Japsag, Mimi Sherlock-Holmes, Zarathrusta, R. P., «O Lobo Solitário», Artur Varatojo, Detective Açoreano, «All-round Detective» e Alberto de Penamacor.

DETECTIVE DE CALÇAS (Colimbra) — Recebi o seu problema. Tem de ir para a bicha. Depois lhe direi o que eu penso do seu «Caso de Mr. Smith».

LEIRIA DIAS (Lisboa) — Sinto-me satisfeito com o seu triunfo. Você pertencia ao pequeno número daqueles que o mereciam com toda a justiça, pela presença constante e pelo valor demonstrado. Agora, cautela... Não lhe devem faltar adversários ansiosos por uma desforra!

ARTUR VARATOJO (Lisboa) — Agradeço-lhe a si, em nome de todos aqueles que ficaram amplamente satisfeitos com o meu problema. Eis o melhor prémio que eu poderia almejar!

ALL-ROUND DETECTIVE (Mafra) — Meu caro, fostes felizmente dos raros que não gostaram do problema n.º 25. Paciência... nem todos se podem contentar, ao mesmo tempo. Como vê, os Concursos Mensais começam hoje mesmo...

REPORTER MISTÉRIO

Você é bom observador?

- (Respostas ao «test» do n.º 189)
- O instrumento de culinária serve para cortar ovos cozidos.
- O panorama é de Pompéia.
- O fotógrafo pertence ao exército americano.

1.º Concurso mensal de Mistério e Aventura

PROBLEMA N.º 1

HOUVE UM CRIME NO DANCING

Original de R. P. — Lisboa

FALTAVAM 10 minutos para que a bailarina Lucianita entrasse em cena no pequeno acto de variedades exibido todas as noites no «Pássaro Azul» «dancing» das «elegâncias» quando Elvira, a criada, a foi encontrar calda no chão do camarim, morta.

Avistou imediatamente a polícia. O chefe Correia veio e começou as investigações, no meio dum segredo absoluto, a pedido do gerente do «dancing». Ele constatou que Lucianita fôra envenenada. Além disso, tomou os seus apontamentos gerais, anotando que a janela das trazeiras do camarim se achava aberta, que Lucianita apresentava o vestuário bastante desalinhado e que tinha os lábios verdadeiramente macerados, mesmo quasi arranhados. No camarim não havia nenhum copo.

Tornaram-se desde logo suspeitos ao chefe Correia três dos mais ferrosos admiradores de Lucianita: Arnaldo Silveio, filho de família, rico, jogador e devasso; Aleixo Cardoso, médico bastante conhecido, e João de Freitas, um comerciante de grandes negócios. A criada, Elvira, pela sua fidelidade ao patrão, estava livre de qualquer suspeita.

Quanto aos três admiradores de Lucianita nenhum deles se encontrava, nesse momento, no «dancing». Mas havia a certeza de que os três tinham ido ao camarim, antes da descoberta de Elvira.

Então, subtilmente, algum tempo depois, o chefe Correia conseguiu reuni-los e interrogá-los, separadamente, sem lhes narrar o que acontecera.

Todos três são claros nas suas afirmações. Arnaldo declara ter estado no camarim de Lucianita, convidando-a para ceiar depois do espectáculo; como ela tivesse aceite, saíra a marcar mesa num restau-



rante próximo e voltara, depois, ao «dancing». Quando saíra, vira Aleixo Cardoso fumando no bengaleiro.

Aleixo Cardoso, por sua vez, informa que de facto, estivera fumando no bengaleiro. De seguida, depois de ver Arnaldo, dirigira-se ao camarim de Lucianita. Encontrou a porta fechada, bateu e, como não obtivesse resposta alguma, saiu para comprar umas coisas. Demorara-se um bocadinho e só à volta é que soubera do crime.

Finalmente, João de Freitas confessou ter estado no camarim de Lucianita mas que ela o mandara embora para se poder vestir à vontade. Aborrecido, retirara-se, mas passado tempo acabara por voltar ao «dancing» para falar de novo com ela. Fôra então que encontrara o chefe Correia.

QUESTIONÁRIO

- 1.º — Quantos fizeram declarações falsas? Porquê?
- 2.º — Quem foi o assassino? Qual a prova principal de acusação?
- 3.º — Qual o papel de Elvira no meio do caso?
- 4.º — Como pensa que se tenha dado o crime?

NOTA — Cada resposta vale de 1 a 5 pontos.

(Ver solução e respostas no próximo número).

Tribuna do leitor

«PHILO VANCE» PRONUNCIA-SE...

«...A vossa secção «Mistério e Aventura» tem o condão de proporcionar um agradável passatempo, aliado à vantagem da educação do cérebro a raciocinar, desenvolver em nós o espírito de observação e perspicácia ensinando-nos, ao mesmo tempo, a notar pequenos detalhes que na vida nos passam despercebidos e que tanta importância têm por vezes. Quanto aos Concursos Mensais, acho:

- 1.º — Muito interessante a ideia.
- 2.º — Obriga-nos a ver os problemas nas suas duas faces — produção e solução.
- 3.º — Que os títulos deverão ser portugueses.
- 4.º — Que a classificação geral de cada solucionista seja em proporção ao número de respostas que enviou.
- 5.º — Que a publicação das fotos dos vencedores, seja apenas para os que tal desejarem.

«Philo Vance»

LEIRIA DIAS SUGERE...

Que o alvitre de Artur Varatojo, quanto às perguntas e respostas é bastante aceitável desde que tenham qualquer finalidade, como constituir, por exemplo, uma espécie de sabatina entre os leitores, oferecendo o que fizesse as perguntas um prémio para os que fossem obrigados a responder. Que tal?

Leiria Dias

«ELE E EU» PENSOU QUE...

Se poderia pôr em prática, entre os leitores de «Mistério e Aventura» uma curiosa ideia sua, mesmo que esta fosse ampliada ou modificada. Trata-se do seguinte:

No final dos meses, cada criminoso seria julgado por um júri composto de solucionistas que tivessem decoberto o seu crime. Tornar-se-ia assim, um tribunal em que os juizes «imaginários» se trelnariam em justiça e castigo.

Ele e Eu

Sistema de apostas para o 1.º Concurso mensal de Mistério e Aventura

POR proposta de Mimi Sherlock-Holmes, secundada por grande número dos nossos leitores, institui-se um original sistema de apostas para o 1.º Concurso Mensal de Mistério e Aventura. As condições são as seguintes:

- 1.º — Todos os concorrentes que quiserem participar neste sistema de apostas devem indicar por escrito e claramente qual o favorito em cada uma das séries (Solucionistas e Produtores) para o 1.º Concurso Mensal.
- 2.º — Juntamente, esses concorrentes devem indicar (ou enviar, de preferência) o romance que apostam em cada um dos favoritos.
- 3.º — Todas as inscrições para o Sistema de Apostas respeitante ao 1.º Concurso devem estar em nosso

poder até ao dia 24 de Janeiro de 1945, inclusivé.

- 4.º — In maneira que formos recebendo inscrições, daremos o registro das mesmas com as respectivas apostas.
- 5.º — Os concorrentes devem utilizar o cupão publicado nesta página e dedicado ao Sistema de Apostas.
- 6.º — No final do Concurso, passado o Sorteio Mensal dos Campeões, indicar-se-á o vencedor (ou vencedores) do Sistema de Apostas em cada uma das séries. No caso de haver mais do que um vencedor em cada série, efectuar-se-á um sorteio particular para esse efeito.
- 7.º — No número de 24 de Janeiro de 1945 serão publicadas as condições para o Sistema de Apostas respeitante ao 2.º Concurso Mensal.

Sistema original de Apostas para o 1.º Concurso mensal de Mistério e Aventura

Indico o nome (ou pseudónimo) do meu favorito em cada uma das séries

A) Produtor **B) Solucionista**

Apostando nêles, respectivamente, os seguintes livros

A)

B)

O concorrente

.....

Nome completo do concorrente

Morada

NOTA — Estes cupões podem ser enviados colados a um simples bilhete postal ou numa carta dirigida a «Sistema de Apostas n.º 1 — Reporter Mistério — «Vida Mundial Ilustrada», Rua da Emenda, 69. De preferência, os livros devem vir conjuntamente.

ANTONIO SOARES

(Continuação da pág.)

deu pela existência oficial da sua altitude, do seu não conformismo individual de artista e do seu contínuo labor de perfeição, que dura há mais de trinta longos anos.

A propósito desta tela de António Soares lembro-me duma frase de Mauclair elogiando um quadro de Tintoretto e a harmonia dos seus motivos, frase esta incluída no livro de Barrés sobre Toledo, que sóa lédamente a meus ouvidos como um recorte musical e que se adapta ao que eu penso do «Leus de Camões» deste pintor português: «O seu conjunto dá a impressão dum sonho fascinante como os últimos «quatuors» de Beethoven. Pois bem, o Greco é o filho deste Tintoretto».

Razão porque eu num instante ao ver a magia verde das tintas que circundam e vestem o «Camões» de António Soares me lembrei das tintas toledanas de Greco, me lembrei em espírito de repetir que ali, naquele painel, elas igualam *diferencialmente* e são filhas, herdeiras longíquas e sortilégas das tintas de Theotocopuli. Como o solitário de Toledo, António Soares tem no seu sangue e na sua alma de Artista uma notável herança que a sua obra variada e de fundamento mais, a sua maneira, os gestos de espírito, os seus *raffinements* são, duma maneira empírica, os dum perfeito heleno, dum artista estruturalmente apolíneo.

* * *

A penúltima exposição deste maravilhoso pintor há quatorze anos, lembrou-nos coisas interessantes e belas, a fixar na obra variegada e equilibradíssima de António Soares, há hoje, indiscutivelmente, possuidor dum inconfundível carácter pessoal e o chefe de fila duma geração de pintores europeus para Portugal e de pintores portugueses para a Europa.

Uma natureza morta, soberba, a juntar em parentesco de valor às quatro expostas em Paris durante a Exposição Colonial de Vincennes, um tocador de pífaro duma harmonia de criação perfeita e algumas manchas pagãs, deliciosas, entre elas um arraial nas imediações de Sintra, beijada por um sol de ouro, alguma reparição de Lisboa, dois pequenos Alfameidas, dois pintores e tipos femininos; um pequeno «Camões» curioso como variante da máscara do poeta e um retrato de senhora a que me permito — e me permiti então — devido a um pequeno desequilíbrio de postura, de não gostar integralmente.

A direita e à esquerda do «Camões» estavam nessa penúltima exposição dois pequenos quadros, sobretudo o da direita, perfeitíssimos, dum bom gosto de factura, de conjugação, de harmonia de tintas que definem sobretudo, como o dispo no começo da minha ensaio, um instinto de inteligência e de auto-exigência, raras, adentro da geração dos Cinquenta Anos, de pintores do meu país estrangeiro, na interrogação de António Nobre — e que tantos nomes à sua interrogação vieram responder como António Soares, com o seu triunfo integral, triunfo que é a equivalência ou antes a equi-existência absoluta do valor entre o artista e a sua obra de plástico independente.

Há meses, na última exposição da Rua Ivens, trinta trabalhos a ténpera deram-lhe um lugar único na pintura lusitana e europeia. «Natacha», «Vindimadora», «Rapariga das maçãs», «Campino», «Sanceta Pança adormecida», «O aprendiz de felicitoso», «Auto de Natalidade», «Manhã de chuva», documentam a existência dum grande Pintor europeu premiado em Paris em 1937 e exposto em Nova-York em 1939. O seu «Grand Prix» de Paris coloca-o a par dum Matisse, dum Picasso, dum Pascin, dum Wlaminck, dum Segonzac, dum Kisling, e internacionalizou o seu nome.

Na capa dum poema de nossa autoria, sobre D. Sebastião, António Soares soube também criar uma figura de sonho e ascese que a crítica e várias opiniões estrangeiras admiraram sinceramente. Há no instinto criacional deste pintor um grande poder medidímico, um adivinhador de séres e de almas e um copião sortilégio, um artista cuja retina e cuja tinta vestem de alma a frágil e efémera existência das coisas. Este estado de criação deu-nos além do cantor dos *Lusiadas*, o esquisso de D. Sebastião, e um apontamento inédito, que possuímos, de D. António, Prior do Crato.

Assim, o Pintor desbravou os seus olhos sobre o crepúsculo da Dinastia de Aviz e o seu cantor profético, o lírico das oitavas eternas de quinhentos.

* * *

Diante de pintores como Eduardo Viana, que interrompeu, devido à guerra, o seu exílio nobilíssimo na Bélgica; Almada, que durante bastante tempo se apaixonou da alegria viva de Madrid e regressou à pátria; e de Barradas, o viajante africano em busca de paisagens nunca de outro mundo pintadas, tenho o nobre orgulho de os admirar e saber sentir, só lastimando que os meus fráglisimos recursos de «dilettante» de coisas de arte não tenham a força e a dedução crítica capazes de os saber impor à indiferença da grei e ao culto das gerações seguintes, como a geração do nosso resgate pictural.

Pode aplicar-se a António Soares o que René Jean disse de Dégas, porque esta síntese define admiravelmente por dedução e analogia crítica a obra do inconfundível pintor que é o autor do «Leus de Camões»: «Dans ces oeuvres régne un même amour de la vérité. Nil plus que Dégas n'a su voir et noter avec exactitude un geste ou un mouvement; le frémissement d'une lèvre, la lueur d'un regard, la contraction d'un muscle, voire même sur la paupière la rougeur d'un orgueil, tout ce par quoi la vie se manifeste. Aucun détail ne lui est indifférent».

Il inscrit tout sans que cette abondance nuise en rien. Chez lui la synthèse expressive est le résultat des détails accumulés. Sa richesse est faite d'abondance, non de renoncements» (1).

Nada melhor, portanto, do que esta nótula expressiva define a capacidade plástica e o talento indiscutível e raro de António Soares e a sua obra inimitável e pessoalíssima de pintor, hoje um dos maiores de Portugal e um dos nomes mais afirmativos da Arte Europeia.

Uma síntese completa resume a sua posição e a sua pintura: é um clássico moderno.

(1) René Jean, um dos maiores críticos franceses, de visita a Portugal afirmou ao dr. José de Figueiredo, antigo director do Museu de Arte Antiga, que raramente tinha visto gamas de tom «gris» como nos quadros de António Soares, que nessa ocasião lhe foi possível observar.



Yogurte Florina

**FORTALECE, EMBELEZA A PELE
TONIFICA O ORGANISMO**

Nos melhores pastelarias
e elegantes Casas de Ché

Disbuidor geral:

JOSÉ CARLOS JANEIRO

AVENIDA DUQUE D'AVILA, 38-C — TEL. 4 1684

VIDA MUNDIAL é um jornal que vale por muitos jornais

MODERNISE A SUA CASA DE BANHO
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA
Mármore Sousa Batista, L.ª
PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30
LISBOA ~ TELEFONE 2 7643

**Conhece a entrada
dêste monumento?**

(Continuação da pág. 3)

ros. Por muitas obras tem passado o célebre mosteiro. Ultimamente, a Direcção Geral dos Monumentos mandou fazer ali, pelos seus técnicos, algumas melhorias de restauro. Assim foi levantado o piso e na igreja, além de artísticas pinturas nos vidros, beneficiaram-se algumas capelas.

E no mosteiro dos Jerónimos que estão as urnas dos grandes poetas João de Deus e Guerra Junqueiro, Teófilo Braga e Alexandre Herculano repousam, também, numa capela dos claustros com Almeida Garrett.

A foto em cima representa a entrada da igreja de Santa Maria de Belém.

«O adro é guarnecido de nichos com estátuas e muita variedade de relevos, tendo na parte mais alta o escudo das armas reais sustentado por dois anjos. Sobre a porta estão três quadros, representando o do meio o nascimento de Jesus Cristo, o da esquerda a Anunciação e o da direita a Adoração dos Reis.

Por baixo estão metidas em nichos as estátuas dos quatro evangelistas. Seguem-se a toda esta obra de escultura dois botarecos cobertos de lavores, e com as estátuas de S. Pedro e S. Paulo, e outros apóstolos, colocadas em nichos com baldaquinos curiosamente arrendados e lavrados. Estes botarecos subiam a muita altura antes da construção da referida abóboda. Cortando-lhes mais de metade, remataram-nos com umas urnas com seus pedestais, que desdizem completamente da arquitectura da porta. Em seguida aos botarecos ainda se vêm mais duas estátuas de santos em nichos e sobre peanhas sustidas por delgadas colunas, tudo igualmente adornado de silvados, arabescos e outras imaginosas invenções.

A porta principal está hoje aberta ao público, pois durante muito tempo a entrada do mosteiro fêz-se pela porta fronteira ao mar.

Tribuna do leitor

(Continuação da pág.)

ESTA É A OPINIA DE ROCANOLI!

«A princípio pensei que a página seria apenas um divertimento, mas com a publicação contínua de tais problemas, minha opinião modificou-se e hoje entendo que esta página constitui um grande exercício para o nosso espírito».

Rocanoli

**UMA IDEIA DE «ALL-ROUND
DETECTIVE»**

Acho que sobre prémios, cada Concurso Mensal deve ser dotado com mais alguns, além daqueles estabelecidos pelos organizadores. Espero que os leitores da página «Mistério e Aventura» concordem com a minha ideia — embora se trate de dar...

E assim, nesta ordem de ideias, ofereço desde já «A Casa Perdida» — para prémio de Produtores (modalidade à qual não concorrerei, aliás). Achem bem a minha ideia, caros colegas detectives?

All-round Detective



Dois males da Rádio...

TODA a gente (ou quasi toda, principalmente os subalternos) fala das deficiências da Rádio portuguesa. O nosso meio, «verdadeiramente» radiofónico é pequeno. Abrange apenas umas milhares de pessoas. Temos:

1. — Os que trabalham...
2. — Os que ouvem...
3. — E «os outros»...

Os primeiros, fechados dentro dos quadros da sua actividade, são, finalmente, os que com maior propriedade se poderiam pronunciar sobre o assunto. Mas não falamos d'elles... Os segundos, são os que, como ouvintes, estão, em consciência, autorizados a criticar.

Excluímos aqui os que dizem, sistematicamente, bem ou mal — em geral, bem do que é mau e mal do que não entendem...

O grande grupo dos «outros» (número com que é necessário contar, se procurarmos conhecer as causas das deficiências da nossa Rádio) é o que chamaremos grupo dos «amorfos», dos que se limitam a sorrir beatificamente depois de tudo — do muito bom, de softvel e do muito mau — fechados dentro duma carapaça de inércia mental que chega a ser afiliva.

Os elementos deste grupo são, de facto, os «ecrãdeiros» parasitas da Rádio...

Entretanto, este baixo nível cultural não justifica, por si só, o atraso da Rádio portuguesa em relação aos países considerados civilizados no mundo moderno...

Para uma justificação aceitável do caso, é preciso não esquecer as dificuldades — dificuldades de toda a ordem — em que se debatem os trabalhadores da Rádio... Para mal dos seus pecados, nem lhes falta a tal inércia e preguiça mentais da gente para quem trabalham...

Para o primeiro mal, o remédio não está propriamente ligado à Rádio...

Para o segundo mal, encontrar-se-á do caminho da cura, na remodelação dos moldes em que, actualmente, está estruturada a Radiodifusão nacional...

MIGUEL TEIXEIRA

CARTAS DOS OUVINTES

Aos leitores que nos escreveram desejando Boas-Festas, a propósito do Natal e Ano Bom, agradecemos. E... só não retribuimos, fazendo iguais votos, porque já não temos a tempo... A todos, o nosso obrigado.

MARIA TERESA E MAIS 50... (Lisboa) — Temos ouvido a pessoa que citou, e não nos parecemos justas as suas apreciações. Não há nada de especial na actuação desse elemento. — «Locutores oficiais a imitarem a pronúncia brasileira»? Onde? — Julgamos que sim.

«NICOLE» (Gouveia) — Escreva ao artista em questão, para o R. C. P. e envie 2\$50 em selos.

MARIA MADALENA (Pôrto de Mós) — Pelas indicações que enviou, julgamos tratar-se da versão portuguesa da canção «Viveres». Não podemos atender isoladamente o seu pedido. Desculpe.

«TITI» (Lisboa) — Joana Campina continua ao serviço da E. N. ainda em regime de estágio. É possível.

O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra
Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de «VIDA MUNDIAL»



IRMÃS SANTOS

Eis duas das muitas «irmãs» da nossa Rádio. São a Júlia e a Maria Teresa — duas simpáticas, cheias de boa vontade e de valor.

Além das suas qualidades de trabalho queremos acentuar aqui o facto de se tratar das pioneiras do género «duo vocal ligeiro» no nosso país.

Inspirado no «jeito» norte-americano das «Irmãs Andrews», o tipo das canções das «Irmãs Santos» criou raízes entre os nossos artistas de variedades. Apesar de serem as mais antigas, não declinaram artisticamente, talvez porque nunca se esqueceram de trabalhar, pondo-se à sombra dum nome feito... Exemplo a seguir para toda a gente que tem dentro de si a vontade de ser bom artista de Rádio...

«GONGS»

* As condições técnicas em que está trabalhando Rádio Clube Português — embora tivessem sido melhoradas ultimamente — não são satisfatórias. Disso mesmo já se apercebeu a Direcção da referida estação emissora, que de há muito vem trabalhando no sentido de as valorizar. Rádio Clube Português, estação com responsabilidades e com bastante público ouvinte, deve aparecer brevemente em condições de ser ouvido como nunca o foi. Pena é que o presente estado anormal de quasi todo o mundo não tenha permitido que o desejo da Direcção de R. C. P. se tenha já concluído. Aguardemos.

* Transcrevemos do «Sempre Fixe», de 21-12-44:

«Quem quiser fazer fortuna de imprensa, é trabalhar na Rádio, em Portugal!»

Ainda há dias, um conhecido jornalista e escritor de teatro, foi interrogado pelo director duma grande estação, nos seguintes termos: «Porque não trabalha você para a Rádio?»

E o escritor em questão replicou: «Porque não sou rico! Mas se um dia me sair a sorte grande, não quero outra coisa!»

* Ideal Rádio, do Pôrto, vai de mal a pior, se pior se pode chamar a péssima qualidade das suas emissões. Ultimamente, transmitiu, em gravação, a voz do sr. Director geral dos Desportos Intercalaada num fado, dando a impressão de que as palavras eram a letra do mesmo fado. E pasmoso que em 1945 ainda se tenha uma tão errada noção da Rádio, que permita disparates deste género e de inteira responsabilidade do director da estação.

* Val ser levada para o Brasil a gravação dalguns programas de Francisco Mata, a fim de serem incluídos nas emissões destinadas

aos portugueses do Brasil. Seguem também alguns discos de canções portuguesas.

* Finalmente, vai aparecer a Revista que todos os radiófilos exigiam... Mensalmente — sob a direcção de Francisco Mata e com Manuel Lapa e Simões Müller — a Rádio portuguesa terá nas páginas de «Onda», o acolhimento que merece. Oxalá os ouvintes se tornem leitores e os leitores ouvintes, no engrandecimento constante do público adepto da Rádio. O «número-especial» que veio a público possui agradável aspecto gráfico e um nível iterário que os nomes do seu director e colaboradores principais justificam plenamente.

A Secção de Rádio de «Vida Mundial Ilustrada» deseja uma longa vida à primeira Revista radiofónica do nosso país.

* Rádio Pôrto experimentou um novo locutor. Razável locução, prejudicada por uma voz extremamente juvenil. É um elemento a aproveitar daqui a uns cinco anos. Para já, é cedo. Ainda não mudou a voz...

* Não nos parece acertado o critério usado na apresentação do programa «Conserva o seu sorriso», de Rádio Peninsular. A ligação dos números é feita com uma locução que foca o «scallão» e a graça duma má revista do Parque Mayer... A Rádio tem mais processos, e é até preferível a simples locução habitual. Musical e literariamente, o programa representa um esforço e um trabalho que, por vezes, não corresponde ao resto do programa. Das interpretações, há a destacar a canção «Chinelinha». Tecnicamente, com muito ruído e... um bombo atrevido e muito sonoro.

* Nesta mesma secção falámos, há semanas, de vozes do teatro ligeiro que, supomos, seriam adaptáveis à Rádio. Esquecemos a que mais qualidades apresenta, bastando para prova as gravações que já fez e que à Rádio transmite: Maria Clara. Eis uma artista da Rádio que o teatro não está a aproveitar. Quando será que a Rádio, em Portugal, fará concorrência ao teatro?



TOMMY DORSEY

Eis um nome internacional da Rádio!... Tommy Dorsey, um dos melhores trombonistas do mundo, possuidor da sua famosa orquestra ligeira, tem no seu nome, que todos conhecem, a melhor garantia do seu valor incontestável.

Tommy e Jimmy — os dois «irmãos Dorsey» — são dois valores que não podemos pretender apresentar aos leitores radiófilos desta página. Aqui lhes fica, sem mais adjectivos, o perfil de Tommy Dorsey, extraído duma foto do filme musical «Doi-dinho por saúas».

ANTES DE FAZER AS SUAS COMPRAS CONSULTE ESTA PÁGINA

Moisés
Decorações

VM

EXECUTAM-SE DECORAÇÕES A RIGOR



PARA MOBILAR O SEU
LAR COM DISTINÇÃO
VISITE OS

**ARMAZENS DA RUA DA PALMA
DE LOPES & PINTO, L. DA**

RUA DA PALMA, 118-124 - LISBOA - TELEF.: 28551

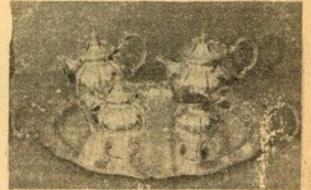
PHILIPS



Casa José Costa ~ Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 - Lisboa Tel. 24888



**DURIVESARIA
DA
GUIA**
FUNDADA EM 1876



O melhor e mais completo sortido

JOIAS * OURO * PRATA * RELÓGIOS

RUA MARTIM MONIZ, 2-10 - RUA DA HOURRERIA, 7-11
LISBOA // TELEFONE 29330

CASA
REGIONAL



AS MAIS LINDAS COLECCOES DE BORDADOS
EM LINHO ORGANDI E TULE
RUA PAIVA ANDRADE, 4 (AO CHIADO) - LISBOA - TEL 25974

PEÇA NA SUA PAPE-
LARIAOS PRODUTOS
«Horus»: TINTAS PARA
ESCREVER, COLAS,
LACRES E PAPEIS
QUÍMICOS



MOISES & REIS, L. DA
FABRICAS: TRAV. DAS AGUAS DOAS, 11
1201 - PORTO - 28-197
RUA FABRICA DA POLYORA, 22-A
TELEFONE 91-681
LISBOA



*D*ecore a sua casa
com economia e bom
gosto com lustres
e candieiros

C. MILLER

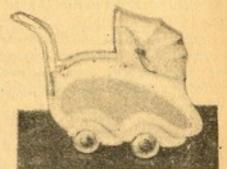
em vidro, metal,
louça, madeira, etc.

Fabricação de artigos
decorativos e bibelots
inspirados na arte italiana

À VENDA NAS
BOAS CASAS

**Fabricante
C. MILLER**

6, R. EDUARDO GOELHO, 8
LISBOA TELEF. 28313



**CARRINHOS
E CADEIRAS
PARA CRIANÇAS**

ARTIGOS DE CASA DE
BANHO, TELEFONIAS,
CANDEIROS E UTE-
NSÍLIOS ELECTRICOS
DOMÉSTICOS

A PRONTO É COM FACILI-
DADES DE PAGAMENTO

J. COSIA & SILVA, L. DA

RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.
LISBOA - TELEFONE 26713

Atende-se a provincia

O canto das aves é herdado ou aprendido?

NOS últimos anos as investigações revelaram o facto surpreendente de que, enquanto em alguns pássaros o canto é inteiramente herdado, visto os machos crescidos longe dos outros machos da sua espécie (mesmo sendo forçados a ouvir os cantos de outros pássaros) manifestarem, no tempo oportuno, o canto característico da sua espécie, — há pássaros cujo canto precisa ser aprendido. Neste caso, quando isolados, os machos não conseguem emitir mais que algumas notas ou fracas melodias.

Um experimentador alemão conseguiu introduzir o canto do rouxinol numa ária de canário. Os jovens canários foram criados num compartimento onde só podiam ouvir o canto dos rouxinóis machos; e como o período canoro dos rouxinóis é curto, suas vozes foram gravadas em discos e executadas em gramofone durante o inverno.

Os canários adquiriram o canto alheio; e hoje, após alguns anos, a aquisição perpetuou-se, porque os canários dessa linhagem só cantam à maneira do rouxinol e ensinam tal canto aos descendentes. A imitação do canto do rouxinol não é contudo perfeita: a qualidade do som emitido pelos canários é mais áspera, e a frase não é tão clara.

[Pergunta dos leitores P. D. C. e M. F. dos S. (Braga)].

O CÂNHAMO UM CONQUISTADOR DOS OCEANOS

O cânhamo, um parente próximo e modesto do linho, teve um grande papel na história da humanidade. É com as fibras do cânhamo que se fabricam cordas, sacos, sendo que a agricultura e a indústria modernas tiram desta planta múltiplos proveitos outrora ignorados.

O cânhamo era conhecido já em tempos muito remotos, mais de mil anos antes de Cristo. Segundo conta uma crónica dos antigos gregos, os vícios, povo oriental já desaparecido, limpavam-se friccionando-se com azeite de cânhamo, e embriagavam-se com os seus vapores, quando pôsto sobre pedras muito quentes.

Nem os gregos, nem os fenícios, conheciam a corda de cânhamo. No séc. III antes de Cristo, os romanos utilizavam o esparto nos seus navios. Mas o esparto dava cordas muito frágeis. Por tudo isto é de admirar a coragem e a destreza dos primitivos navegantes que, por espírito de aventura ou por razões comerciais, ou por ambas as coisas, se arriscavam a fazer longas viagens.

Só o cânhamo permitiu a navegação do alto-mar; foi ele que deu começo à gloriosa história dos barcos que descobriram novas terras e uniram o mundo. Ao lado do linho, fornecedor das velas, o cânhamo, permitindo fabricar cordas resistentes às vicissitudes dos grandes mares, foi também um conquistador do oceano.

Os principais produtores de cânhamo são a Rússia e a Itália. No tempo em que os barcos eram todos de madeira, linho e cânhamo, as frotas Inglesas abasteciam-se da Rússia.

TRANSUSÃO

O corpo humano tem, em média, quatro litros e meio de sangue. Suprimida ou diminuída a circulação sanguínea, os processos vitais cessam imediatamente. Dificultando o acesso de sangue ao cérebro, o corpo, sem direcção, desfalece e cai. No entanto, dentro de certos limites, é possível haver variações na quantidade de sangue; ir além destes limites significa a morte. No caso de grandes hemorragias, não se pode esperar que o organismo forme novo sangue: é necessário proceder a uma transfusão. Na foto vemos uma mulher dando o seu sangue; ele será utilizado noutro ser cujo sangue se combine com o seu. Porque há sangues que não se combinam e originam a morte.



Os limites da vida no espaço

A vida está concentrada na superfície do planeta Terra e nos poucos quilómetros acima e abaixo desta superfície. Antes de se atingir o cume das mais altas montanhas, já a vida desapareceu, praticamente; e o fundo dos mares é o seu limite inferior. No interior do globo terrestre só existe matéria morta e nunca, em toda a experiência humana, foi observado o menor indício de vida além da nossa atmosfera.

As razões para admitir que a vida surgiu há milhares de milhões de anos, dentro de água salina e morna. A partir de então tem dilatado os seus limites, estendendo-se a regiões frias, secas e áridas.

Uma parte do esforço e do génio humano tem-se aplicado em ultrapassar os limites da vida no espaço. Em anos recentes, uma série de ascensões realizadas em balões especiais, com esferas rigorosamente fechadas e outras precauções, permitiam exceder esses limites e bater os velhos «récorde». Em Agosto de 1932, o professor Picard foi além de 15.900 metros. Em Setembro do ano seguinte, os aviadores russos Prokofieff, Birnbaum e Godunoff chegaram a mais de 18.000 metros.

Serviram-se duma esfera de duralumínio, aquecida por dentro, com espaço suficiente para darem alguns passos. Todas as manobras eram executadas por meio de contactos eléctricos.

Até hoje, nenhum ser vivo foi mais além. Porque, dos outros animais, só o condor dos Andes chega a 7.000 metros.

Três necessidades essenciais retêm o ser vivo em níveis superiores: oxigénio, pressão e temperatura. Aviadores que têm subido a grandes altitudes informam que se sentiram como inchados e deformados, com zumbidos dolorosos nos ouvidos. O coração pulsa intensamente para enviar o oxigénio necessário aos órgãos. Produzem-se hemorragias no ouvido, no nariz e nos pulmões, e até nos olhos e nas gengivas. O alpinista tem de exercer esforços violentos para subir; o tenente-coronel Norton, tentando a subida do Monte Everest, consumiu uma hora para escalar 25 metros, na altitude de 8.000.

Nestas altitudes, os exploradores são invadidos por uma profunda apatia, não vêem, não ouvem, nem agem com precisão; há um decréscimo no poder muscular e mental.

Em sentido contrário, isto é, em profundidade, a vida também encontra limites de espaço. As formas biológicas familiares à maioria dos homens, não se entendem a muitas braças de profundidade. Mais para o fundo, são substituídas por outras espécies adaptadas do frio, à escuridão e à alta pressão dessas regiões.

O mergulhador, num bom escafiandro, pode descer a cerca de 100 metros abaixo do nível do mar e aí permanecer uma hora e meia. Um mergulhador nu, pode descer cerca de 10 metros. Os submarinos estão sujeitos a condições análogas.

O factor que impõe limites ao deslocamento vertical do homem debaixo de água, é a crescente solubilidade que se opera em consequência à crescente pressão. Produzem-se sintomas variados, nos mergulhadores, conforme as regiões do organismo em que se desprendem as bolhas de ar: perda dos sentidos, vômitos, surdez, asfixia, paralisia, dores articulares e musculares e, algumas vezes, morte súbita. Na construção da ponte de S. Luís, nos Estados Unidos, dos 600 operários empregados, 14 morreram e 100 foram seriamente afectados.

É comum pensar-se que as baleias mergulham no abismo do Oceano. De facto, as baleias são dotadas de dispositivos especiais contra o desprendimento de bolhas gasosas no sangue. Há baleias que podem descer até 1.600 metros, a julgar pela extensão da corda do harpão que elas puxam para o fundo, quando feridas.

Nas grandes profundidades, as pressões são enormes. Um cabo de cânhamo atreado a uma profundidade de 4.000 metros, fica reduzido a uma fibra; um pedaço de madeira descendo a esse ponto, nunca mais voltará a flutuar.

Nas zonas de maior profundidade, o fundo do mar fica a 12 quilómetros da superfície. A vida está, pois, reduzida a uma camada de água e a uma camada de ar com uma espessura total de 24.000 metros.

A última descoberta em fotografia

DESCOBRIU-SE, há pouco tempo, que a sensibilidade de um filme moderno depende muito da forma como é produzido e da qualidade da gelatina utilizada na sua preparação.

Conseguiu-se saber que a boa gelatina é proveniente dos couros dos bezéiros de vacas que tenham pastado em campos cultivados com mostarda. O doutor C. E. K. Mees, director dos laboratórios de pesquisas da Eastman Kodak Company é

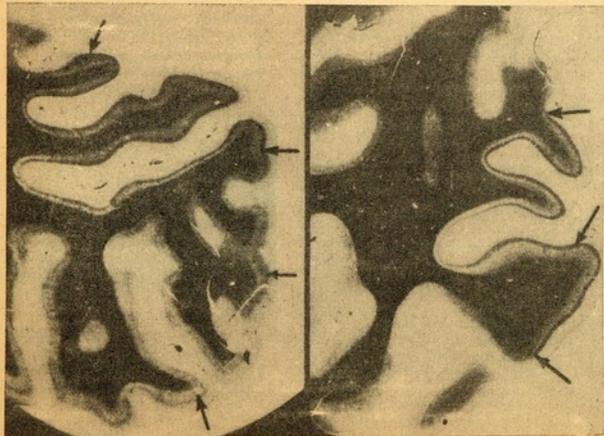
da opinião de que «se as vacas não gostassem de mostarda, a indústria cinematográfica não existiria. A gelatina de coelhos não presta para a fotografia, devido ao facto dos coelhos não comerem mostarda».

O doutor Shepard conseguiu isolar da gelatina sensível dos bezéiros, uma substância que é um derivado do óleo de mostarda e pode ser obtido artificialmente. Apenas uma gota deste composto chega para centuplicar a sensibilidade de hectares de filme.

O GENIO

A foto representa o corte de dois cérebros: o da esquerda é o corte do cérebro dum homem comum, apanhando apenas a região chamada *centro visual*; o da direita, pertence a um génio. No-

ta-se que o campo visual dum intelectual é menos desenvolvido. O génio oferece um conjunto de particularidades físicas excepcionais; umas, condicionando a sua genialidade, outras, pelo contrário, tornando-o, sob certos aspectos, inferior ao homem comum. Não há génios universais. Mas não basta ter as particularidades dum génio ou dum grande talento; as condições sociais e materiais podem decidir da revelação ou não aproveitamento das inteligências.



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

L. XVIII — Países ocupados — Holanda

A Holanda ocupada não podia esperar senão uma restrição, cada vez maior, ao exercício de liberdade de expressão por parte dos seus escritores, artistas e músicos. Estes viram cercada a sua actividade até ao ponto de quasi a não poderem exercer. Sob os auspícios do Ministério da Informação Popular, fundou-se uma organização de escritores e artistas que, com o nome de «Kulturkamer» (Câmara de Cultura), compreendia várias secções (Guildes), que se ocupavam da literatura, das artes plásticas, do teatro, do cinema e da imprensa.

Para poder exercer qualquer destas profissões, era necessário estar filiado na respectiva «Guildes». A filiação implicava a subordinação completa do filiado ao presidente da «Guildes», e estes funcionários eram, por sua vez, directamente subordinados ao Secretário Geral da Informação Popular. O trabalho mesmo dos filiados era vigiado activamente, a fim de impedir a publicação de quaisquer obras que, directa ou indirectamente, pudessem contrariar a divulgação da filosofia nacional socialista. As obras esboçadas com essa orientação eram consideradas «doentias» e a sua circulação rigorosamente proibida. Ao Ministério da Informação cumpria dar autorização para a publicação de livros, para a organização de exposições de pintura, para a representação de peças teatrais e para a exibição de filmes.

Ao lado da «Kulturkamer» foi criado o «Kulturraad» (Conselho de Cultura), composto por vinte membros, todos da livre escolha do secretário geral do Ministério, os quais tinham por missão acompanhar toda a produção literária e artística do país e dar parecer sobre as obras sujeitas à sua apreciação. Pela aplicação destes métodos, o público era posto em condições de nunca chegar a conhecer algumas obras que, embora valiosas sob o ponto de vista artístico, eram consideradas indesejáveis sob o ponto de vista da orientação política das autoridades de ocupação.

Além dos «Guildes», a que nos referimos, criaram-se mais tarde outros que agrupavam todas as classes intelectuais: estudantes, jornalistas, médicos, veterinários, farmacêuticos, arquitectos, homens de ciência, etc. Finalmente, foi criada a «Frente do Direito» para agrupar os magistrados, advogados e todos aqueles, funcionários ou particulares, cuja actividade se relacionava com os serviços de justiça.

A SITUAÇÃO FINANCEIRA DO PAÍS

Em consequência da ocupação, a situação financeira do Estado holandês tornou-se rapidamente muito delicada. As despesas públicas subiram extraordinariamente em consequên-

cia de dois factores principais. Em primeiro lugar as despesas de ocupação, isto é, as despesas feitas para sustentar e manter o exército ocupante, ficaram, desde o primeiro dia, a cargo do país ocupado. Em segundo lugar, o Banco Neerlandês foi obrigado a adiantar as importâncias correspondentes à diferença, elevadíssima, entre os preços de entregas das mercadorias e objectos feitos pela Alemanha à Holanda e aquelas que este último país fazia à potência ocupante.

Finalmente, deve acrescentar-se que era igualmente o Banco que adiantava todas as importâncias necessárias para pagamento dos salários aos operários holandeses que trabalhavam na Alemanha e às respectivas famílias que ficavam em território holandês. O valor do florim em relação ao marco foi fixado a um nível invariável. As despesas que resultavam destes factos eram pagas em notas emitidas pelo Banco Neerlandês, cuja cobertura passou a ser representada por títulos de dívida emitidos pelo Estado alemão.

A dívida nacional da Holanda subiu vertiginosamente, pois é evidente que, apesar de muito importante, o aumento das contribuições apenas cobria uma parte das despesas que o Estado era obrigado a pagar. Para cobrir o resto das despesas, o Estado emitiu dois empréstimos em 1941 e um outro empréstimo em 1942. As suas cláusulas de emissão não deixavam dúvidas sobre o carácter forçado desses empréstimos. Tanto a dívida consolidada como a dívida fluante aumentaram durante a ocupação em proporções astronómicas. Em fins de 1942 o total da dívida consolidada tinha aumentado de 5.300 milhões de florins, e o da dívida fluante de mais de três milhões de florins.

CONSEQUÊNCIAS DA CRISE FINANCEIRA

A inquietação causada pelo aumento constante da dívida pública e a relação estreita estabelecida entre os valores do florim e do marco provocaram um sentimento geral de pânico. Cada um começou a pensar em acautelar os valores que tinha contra uma prevista desvalorização da moeda. Os holandeses começaram a empregar todo o dinheiro de que dispunham na compra de objectos, de propriedades ou de títulos. Tudo o que pudesse representar um valor efectivo, começou a ser comido. Esta tendência reflectiu-se imediatamente nas cotações da Bolsa. O público procurava, por qualquer preço, valores que pelo aumento das cota-

ções compensassem a quebra da moeda.

Este estado de coisas comportava um perigo real, e as autoridades de ocupação procuraram ir ao encontro desse perigo, esforçando-se por deter a alta na cotação dos títulos de empresas particulares e esforçando-se por acreditar os títulos emitidos pelo Estado. Em 1941 foi proibido aos holandeses negociarem com títulos americanos, apesar dos Estados Unidos ainda não estarem em guerra com o Reich. Em 1942 foram proibidas as transacções com títulos de empresas particulares, nomeadamente as que se dedicavam às actividades coloniais e marítimas.

Em fins deste último ano, foi publicado um aviso segundo o qual os portadores de títulos comprados depois de 31 de Dezembro do ano anterior até 1 de Novembro daquele ano, desde que esses valores atingissem a importância de cem mil florins, eram obrigados a declará-los no Banco Neerlandês, o qual ficava autorizado a comprá-los à cotação mais baixa registada durante esse ano (a cotação oficial do dia 2 de Março). Como estas medidas não impediam que as cotações dos títulos de empresas particulares holandesas continuassem a subir perante o crédito crescente dos títulos emitidos pelo Estado, as autoridades de ocupação publicaram novas medidas restritivas que quasi tornaram impossível o exercício do comércio bancário.

O MERCADO NEGRO

Para impedir o aumento do custo e a fuga dos chamados «valores reais» também as autoridades de ocupação tiveram de adoptar medidas verdadeiramente draconianas. Foram tomadas medidas muito severas para proibir o aumento do custo de todos os artigos e géneros, qualquer que fosse o seu verdadeiro valor e a sua utilidade. Quando eram permitidos alguns desses aumentos, depois de amplamente justificado, era apenas a título excepcional e rodeando a respectiva autorização de todas as cautelas.

Da mesma forma foram tomadas medidas para limitar ao mínimo as transacções sobre imóveis e sobre objectos de uso em segunda mão. Estas últimas medidas deram origem a verdadeiras anomalias e a casos muito curiosos. Quando era posta à venda uma casa urbana ou uma propriedade rural, os licitantes queriam todos dar por ela o preço máximo enunciado pelo pregoeiro. Acabava por ter de se tirar à sorte, entre os licitantes, aquele que devia ficar com a propriedade posta em leilão.

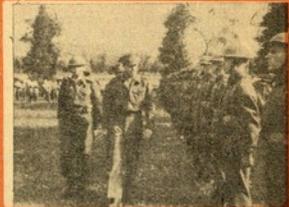
Um fenómeno idêntico se verificava nos leilões de objectos de uso que, em virtude das providências adoptadas pelas autoridades de ocupação, se tornaram cada vez mais raros. No entanto, havia leilões de objectos que não podiam deixar de se realizar, como eram por exemplo os dos objectos perdidos nos caminhos de ferro, segundo o costume holandês. Quando esses leilões se realizavam, também os licitantes ofereciam pelos objectos leiloados o maior valor, sendo necessário que os pregoeiros fizessem rapidamente as adjudicações a fim de evitar complicações. Na Holanda ocupada a lei da oferta e da procura perdeu toda a sua significação.

Estas medidas contribuíram apenas para que o mercado negro, um mercado negro que excedia o âmbito dos géneros de alimentação para se alargar a todos os domínios da vida nacional, florescesse como em nenhum outro país da Europa ocupada. Os muito ricos obtinham nele tudo aquilo de que precisavam e mesmo aquilo de que não precisavam. Mas a quasi totalidade da população via crescer, incessantemente, as dificuldades com que tinha de lutar para se alimentar e para se vestir decentemente.

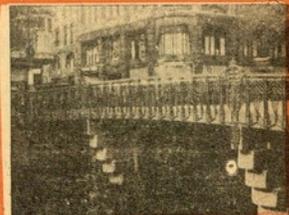
(Continua)



Quando as tropas aliadas invadiram a Europa ocidental, o Príncipe Bernardo estava com os exércitos que primeiro pisaram terra francesa. Aqui o vemos, falando com um sargento do Canadá, onde as tropas holandesas se preparam para a invasão.



De novo vemos o Príncipe Bernardo, marido da princesa herdeira da Holanda, inspecionando a guarda de honra formada pela 3.ª Divisão de Infantaria Canadense, em operações na Normandia.



Amsterdão, sulcada de canais, era, antes da guerra — e, principalmente, antes que os alemães fizessem saltar os diques holandeses — servida por pontes magnificas como esta, de certo hoje existindo na memória dos holandeses.



Na Holanda libertada, com as casas destruídas e o povo dizimado, este soldado inglês encontra uma criança e dá-lhe do seu pão. A ruína da Europa não estará aqui expressa?



Mas nem tudo é luto e dor. Aqui está um aspecto da actualidade que muito deve confortar os holandeses: a passagem de tropas aliadas, pela fronteira da Bélgica.



A quebra das bengalas

O CACETE E A BENGALA

BRUTO, emmaranhado, confuso, não sabendo todavia o que de melhor havia no mundo, o homem safu um dia da selva virgem armado da sua fiel arma: o cacete. Nos variadíssimos estágios da civilização, êle chamou-lhe muitos nomes, mas um só subsistiu: a bengala. Desejamos traçar a crónica abreviada do útil e benemérito traste, mas desistimos do intento ao ver que êle nos consumiria mais papel que qualquer História Universal em innumeráveis volumes. Fique, pois, assente entre mim e o leitor: conversemos só da bengala fim de século, daquella que ainda usamos ou vimos, concorrendo ao Chiado, usada pelos respectivos donos.

Adquiriam personalidade ou, antes, eram o fiel prolongamento da de cada um. Não se concebia um aprimorado janota ou um ilustre boémio sem bengala. E de castões ennobrecidos, de prolixa heráldica, ou de meia-curva da bengala de repouso, para sujeitos de meia idade, encontra-se feita a história galante, o dia-a-dia teatral, político do Chiado.

A maneira de dar aos braços com a bengala, era distinta em cada pessoa, partido, estado social ou religião. Foi «detectivesca» e acompanhou a sombra francesa do «Sherlock» Conan-Doyle: chamava-se essa criação errabunda dos «boulevards» Tótó Fouinard e a sua bengala. Com ela meditava e fazia planos tão audaciosos como o seu colega londrino e o eterno cachimbo.

Basta, quanto a nós, pegar no Marquês da Fronteira e nas suas «memórias», um século inteiro de bengalas-estoque, de bengalões vigilantes, de cacetes abreviados em «compadres» revisteiros. Enfim, tudo jaz em paz, pois já nem «bufos» publicamente secretos há, característicos e acompanhando-nos. Por um imperativo da moda, as bengalas desapareceram, as lojas onde eram confeccionadas amorosamente e o marmeleiro se transformava em «pau-santo», mais ou menos autêntico, alisados os nós e outras protuberâncias que o pauzinho tivesse, ante o ranger dos tornos — fabricam outras coisas. Bengalas, não!

SÓ MUITO DOENTES!...

Mas há pessoas que necessitam, apesar de tudo, da bengala. A doença ou a idade converteu-as em avaros de energias. Necessitam do apoio de uma bengala, embora queiram evitar a inestética muleta. Têm pernas só a fingir ou, pior ainda, elas tornam-se-lhes dolorosas em certas quadras do ano. Pois correm capitais inteiras e não encontram uma única bengala!

Nesta guerra, conhecida clinicamente pela «guerra das fracturas», a legião dos que sofrem dores é interminável. A bota ortopédica é sinónimo de pública invalidez; e, no entanto, embora muitos desejem regressar às plenas actividades de outrora, não o podem fazer. Não

há bengalas: a moda, há seus quinze anos, decretou a sua desapareição! E foi como a mudança de cenários numa revista. Em menos de uns cinco minutos, tudo variou. As bengalas quebraram-se e, com elas, as pastas e suas fitas, os chapéus, as ligas, os espartilhos, os mil e um arrebiques com que se atravessava a vida escondendo os aleijões.

OS OURIVES DA PRATA

Já pensaram na infinidade de prejuízos sofrida pela outrora numerosa e abastada corporação dos ourives da prata? E as artes anexas? Sim, além do encastoar da prata, havia outras «artes correlativas» com seus artifices. Pode atribuir-se a Lisboa uma média anual de um milhão de bengalas. E, nesse número, a gama interminável de preparações sofridas pela madeira, a sua curvatura ao fogo, a colocação das tradicionalíssimas pratas.

Tudo ficava, após a infinidade de preparos, muito sólido, variado e reluzente. Mas, se a cor desmaiaava um bocadinho, ia logo ao polidor, regressando ao fim de poucos dias, resplandescendo, de novo garbosa, válida no apoio prestado ao corpo, e sempre inquebrantável, quer fôsse em arco, quer em castão, e tanto fôsse lisa ou de nós ressaltantes e respeitáveis.

Uma bengala atravessava uma vida inteira ou um grupo de vidas até. Outrora, o rei concedia os títulos por duas ou três vidas. Mas, tanto aqui como por essa Europa fora, o símbolo de qualquer prebenda ou título, o que proclamava ao sol de cada dia o poderio do senhor desse título era, inevitavelmente, o bastão.

OS «BASTONÁRIOS»

Por entre os resquícios do passado refulgente, ornamental, ficaram, todavia, algumas palavras senhoriais, impantes de antigos poderios. Ai têm essa: o bastonário, o que traz o bastão, agora perpetuado na Ordem dos Advogados. O seu bastonário deve apresentar-se, nas grandes cerimónias

públicas, com o bengalório encastoadado de prata. Descendemos, porém, que, arrastados pelo anti-bengaleirismo, nem com a sombra de uma raquítica bengala de castão se atrevam a surgir à luz do dia.

Pois deveria decretar-se e regulamentar-se, exigentemente, a reaparição de bastões iguais, pelo menos, aos usados pelos tambores-mores das guardas palatinas; dois metros de alto. Pelo menos! Não bastaria só o título. Exigir-se-ia, também, o atributo.

Para senhoras, criar-se-ia a moda nacional das bengalinas esmaltadas, coloridas, sempre leves como as respeitáveis donas ou senhorinhas. Tanto bastava para que os seus cortejadores as imitassem e os seus parentes regressassem ao habitual marmeleiro com ponta de borraça. Generalizado o velho hábito, teríamos rejuvenescido a arte, animado o comércio e a indústria, dado um certificado de decência e livre trânsito aos padecentes e, em particular, às vítimas imponderáveis da «guerra dos nervos» ou da «guerra das fracturas».

OS FATAIS EQUIVOCOS

Assim, não serve. Um amigo de quem se creve estas croniczinhas, precisou de uma bengala. Urgentemente, indispensavelmente. Levou três meses, contados dia-a-dia; por fim, pôs um anúncio em letras garrafais: «Bengala, precisa-se! Escrever ao número tal». Fêz isto às escondidas. Lá lhe apareceu uma bengala, sobrevivente à quebra das ditas — escrevo assim para evitar o fácil trocadilho: às «quebra-delas» — e foi clandestinamente buscá-la. Conta-me êle, para concluir, que, no regresso, depois de esperar duas horas no Chiado lugar num «eléctrico», recolheu infinitos pontapés, uma se-



nhora olhou-o e, vendo-o de mão estendida, disse:

— Coitadinho! Já me esquecia de dar esmola a êste aleijadinho!

E, na melhor das intenções, largou-lhe meio-tostão na palma da mão, deixando-o pasmado, boquiaberto, enquanto o «eléctrico» se afastava, uma vez mais, transbordante de gente com saúde a mais.

Não consta que outro benefício retirasse da bengala disfarçadora da sua «coxeira».

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

Na morte de Soares dos Passos

A época dos românticos desfazia-se como uma bruma penetrada pelo sol de uma verdade mais sólida e humana. Contra ela ergueu-se o grupo dos homens de Coimbra, os que haviam de formar Os Vencidos da Vida e que além de Santo Antero, tinham Eça e Ramalho a farppear a sociedade portuguesa e os ridículos em que morriam ainda os últimos cultores do romantismo piegas.

Soares dos Passos teve grandes «responsabilidades». Mas, com êle e o seu «Noivado do Sepulcro» estava toda uma época. Ora vejamos êste bocadinho de prosa rebuscada que, com o devido respeito, transcrevemos do «Arquivo Pitoresco», com a assinatura de Manuel Pinheiro Chagas, e escrita em 1860, quando Soares dos Passos morria:

«Não é já de uma vocação esperançosíssima cortada em fior que temos de tratar no seguinte estudo; é de um talento decepado, quando nos dava, nos primeiros e óptimos frutos, a certeza de que, se não viessem os súbitos e inesperados gelos da morte cair em pleno estio do poeta, havia de ocupar um dos primeiros lugares no amplicíssimo vergel da literatura portuguesa».

Eça havia de comentar mais tarde: nada mais acaciano! — J. M.



HUMORISMO



MEDIDA PRUDENTE

— Não lhe digas que a mulher teve três gémeos, enquanto não desocupar as mãos...



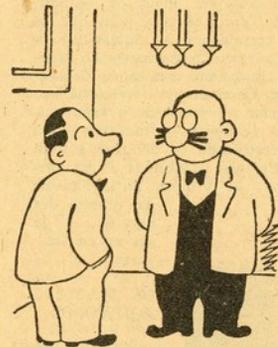
CONSEQUÊNCIAS DE PROPAGANDA

— Coitado!... E a tua mulher?
— Está na conferência sobre as obrigações das mães...



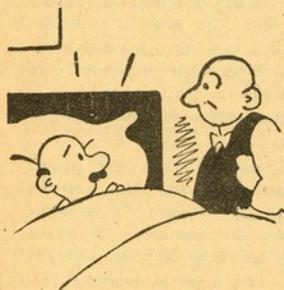
CAPACIDADES

O **MAGRO** — Tenho fome. Sinto-me completamente vazio...
O **GORDO** — É o que é o teu vazio comparado com o meu?



PUNDONOR DE PAI

— Então, ó senhor casaria com minha filha, mesmo que eu não lhe concedesse nenhum dote?
— Evidentemente!
— Pois recuso-o para genro. Não quero mais comerciantes na família!

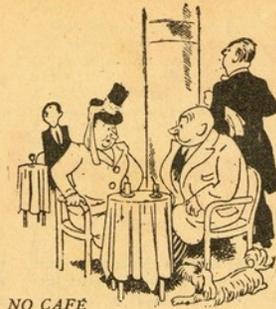


O **CRIA DO** — Senhor, deram oito horas...
O **PATRÃO** — Irra, e porque não mo disse há mais tempo?



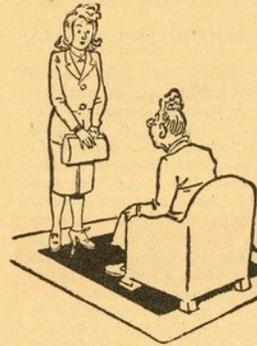
COZINHA RADIOFÓNICA

O **DONO DA CASA** — O último prato que comemos foi feito segundo uma receita da rádio.
O **CONVIDADO** — Então, por que não escolheram outra estação?



NO CAFE

— Mas que mesas tão pequeninas!
— É para estarem em proporção com o racionamento do açúcar!



TUDO TEM A SUA EXPLICAÇÃO

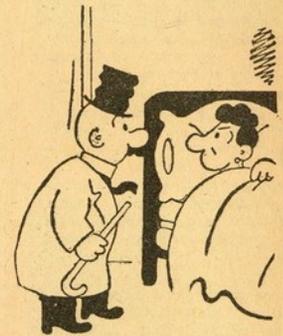
A **MÃE** — É verdade que estive no parque sentada sobre os joelhos de um rapaz?
A **FILHA** — Não havia outra coisa a fazer, mamã, que o banco estava pintado de fresco...



NO REGRESSO AO ESCRITÓRIO

O **PATRÃO** — Alguém me telefonou?

A **EMPREGADA** — Telefonou uma senhora perguntando pelo seu «grande desavergonhado», mas eu julguei que não fosse com o senhor...



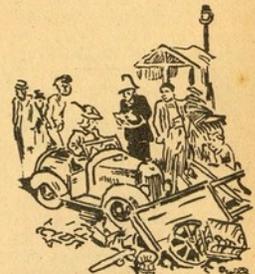
NOCTURNO

ELA, que espera — Então, é só uma hora? Pois o relógio deu agora mesmo três pancadas!
ELE, que chega — Oh! filha, o relógio é gago!



ALARME BEM FUNDADO

— Sempre quero ver, agora que gastei um dinheirão em brilhantes, se passava a usar-se jóias de trapos!



DEPOIS DO ACIDENTE

O **GUARDA** — Minna senhora, o seu nome?
A **AUTOMOBILISTA** — Prudentia...



A ESPOSA EXTREMOSA

ELE — Oh! filha, para que me acordaste, agora que estava a dormir?
ELA — Então, filho, não quero que durmas sem tomares o teu calmante contra a insónia!...



NO «BAR»

— Apre! O senhor mothou-me!
— Pois não sei como... Estou a beber «vermuth» séco!



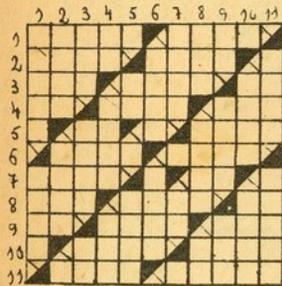
PALAVRAS CRUZADAS

1.º CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1

Por Fernando de Aragão (Lisboa)

(Dedicado a Augusto R. Domingos)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Cidade do Norte de África; rio espanhol. 2 — Emanação; unhas. 3 — Acênto gráfico; ícel; templo religioso. 4 — Vogais; irritar; chiste. 5 — Artigo; lugar, anexo às fábricas de açúcar, para guardar canas, antes de empregadas. 6 — Ser; glorificar. 7 — Sinto desejo veemente; tumor. 8 — Vencimento diário de um soldado; facto; convicção. 9 — A ti; pouco vulgar; mostrar alegria. 10 — Rumo; semblante. 11 — Constelação; moradias.

VERTICAIS: 1 — Ofícios; capaz. 2 — Melo diâmetro de uma circunferência; desacerte. 3 — Nome de pessoa; advérbio de lugar; pópa. 4 — Vogais; pronome; tritura. 5 — Clima; o mesmo que «cates». 6 — Renques; preposição. 7 — Espaço celeste; isolado. 8 — Governador de algumas províncias muçulmanas; deserto; nota musical. 9 — Abreviatura de réis; destino; batráquos. 10 — Cura; resta. 11 — Congela; apêlido.

Nota — A lista dos prémios será publicada já na próxima semana. Podemos, no entanto, informar que o 1.º prémio será um dicionário de Cândido Figueiredo (edição reduzida) ou de Augusto Moreno (Complementar). Até 5 de Fevereiro continuamos a aceitar os trabalhos (grátis) que os confrades cruzadistas nos queiram remeter, para o 1.º Concurso de Palavras Cruzadas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 61

HORIZONTAIS: 1 — Vau. 3 — Atras. 10 — Oc. 11 — Atrevido. 12 — Tas. 14 — Sia. 15 — Amam. 17 — Tua. 19 — Ralar. 21 — Par. 23 — Ar. 24 — Sépla. 26 — Tô. 27 — Mão. 28 — Paradas. 30 — Cal. 31 — Lera. 33 — Lar. 35 — Rir. 36 — Anisador. 39 — Al. 40 — Ousaras. 41 — Iso.

VERTICAIS: 1 — Votaram. 32 — Pão. 2 — Acamaram. 37 — Nú. 13 — Sal. 33 — Lis. 16 — Mas. 30 — Casa. 3 — Ata. 20 — Reparar. 4 — Ir. 17 — Tapai. 38 — Da. 5 — Resumir. 34 — Pós. 6 — Avia. 25 — Aal. 7 — Dia. 29 — Der. 8 — Ad. 18 — Cataras. 9 — Sol. 22 — Rosário.

ATENÇÃO

Por erro tipográfico safu truncado o problema n.º 53, de Palavras Cruzadas, de que pedimos desculpa a todos os nossos leitores. No próximo número faremos a respectiva errata.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

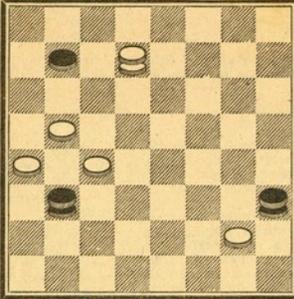
COMPOSIÇÃO N.º 30 (Problema)

«La Provincia», 11/1/1945

Las Palmas — Espanha

Lema: «Portugal»

Pretas: 2 «damas» e 1 «pedra».



Branças: 1 «dama» e 4 «pedras».

Mate em duas jogadas.

(Secção portuguesa)

JOGO N.º 8 (Estrangeiro)

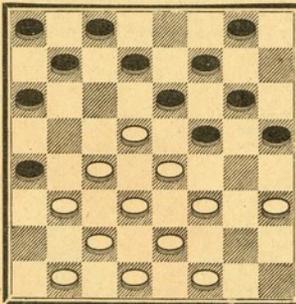
Jogo disputado no Campeonato Regional das Canárias, de 1944

Branças: Dr. Carlos Rodrigues Lafora
Pretas: Eutiquiano Hernández

Abertura: 5-5

Branças	Lances	Pretas
10-14	1.º	22-18
5-10	2.º	23-20
12-15	3.º	27-22
1-5	4.º	20-16
14-19	5.º	21-17
10-14	6.º	25-21
5-10	7.º	30-27
8-12 (a)	8.º

POSIÇÃO DO JOGO AO 8.º LANCE DAS BRANÇAS



.....	8.º	24-20
15-24	9.º	22-8
14-19 (b)	10.º	26-22 (c)
19-26	11.º	29-22
11-15	12.º	27-23 (d)
15-20	13.º	23-19
6-11	14.º	19-15
2-6	15.º	15-12
11-15	16.º	Perdem (e)

(a) Esta é a primeira situação crítica do jogo.
(b) As brancas sacrificaram uma

«pedra», não pelo pequeno objectivo de encerrar a «pedra», em 8, mas sim pelo objectivo superior de conservar intacto o triângulo e dividir as forças do adversário.

(c) Vejamos outras continuações:

1.º — Se 29-25; 10-13 e ganha.
2.º — Se 28-23; 19-28, 32-23; 24-28, 31-24; 10-13 e ganha.
3.º — Se 27-23; 19-22, 26-19; 10-13, 17-10; 6-22, 21-17; 9-13, 17-10; 22-27 e ganha.

4.º — Se 27-22; 19-23, 28-19; 11-14, 18-11; 7-23, 22-19; 6-11, 21-18; 24-28, 31-24; 23-27 e o jogo das brancas é melhor, mas pode ser empatado.

(d) Se tivesse jogado 28-23; 24-28, seguido de 15-20 e 7-12 ganha.

(e) As pretas deviam abandonar, neste momento, o jogo, mas ainda fizeram mais uma jogada que não publicamos por as julgarmos pouco instructivas.

FINAL DE JOGO N.º 16

(Múltipla solução)

1.ª Solução

30-26 [3-12; 9-5 g.
15-11; 26-21 f. 3-7; 9-5 g.
11-6; 9-2 g.

2.ª Solução

28-14 [15-11; 14-4; 3-10, 9-13 e 4-21 g.
15-12 ou 3-6; 9-13 e 14-21 g.
3-12; 9-2 ou 30-20 g.
3-16; 14-23 g.

3.ª Solução

9-22 [15-11; 22-12 e 28-23 g.
3-12; 22-18 [12-16; 18-11 e 28-23 g.
12-8; 18-4, 8-12; 4-8 g.
12-3; 28-14 [15-12 ou 11 ou 3-6; 18-13 e 14-21 g.
3-12; 30-16, 12-8; 18-25 f.
3-16; 18-27 [16-3; 27-13 e 14-21 g.
16-12; 27-16, 12-8; 14-4, 15-12; 16-7, 8-19; 30-26 e 4-8 g.

A 1.ª solução é a do autor, que agradece ao grande «damista» e amigo Francisco Henriques o envio das outras soluções do final. Essa composição está, pois, demolida. A emenda seria: Brancas, «dama» 9-19-27. Pretas, «dama» 3 e «pedra» 11.

FINAL DE JOGO N.º 17

5-9 [22-31, 7-16; 29-22, 16-18 g.
22-19, 7-18 g.
22-15, 7-18 g.
22-8, 9-31; 29-22, 31-29 g.

FINAL DE JOGO N.º 18

23-27	16-23	23-27	27-30	30-16
31-22	29-26	22-19	26-22	22-31
16-12	12-16	16-27	27-13	13-18
31-22 f	22-29	18-14	19-15	15-11
18-21	21-18	18-21	21-25	25-29
29-25	25-29	29-22	22-18	14-10
29-15	15-11	empatam.		
11-7	P.			

FINAL DE JOGO N.º 19

5-10, 11-25; 19-14, 25-11 (switch-back);
11-25; 2-11, 25-7; 4-11 e 11-15 g.
11-24; 4-7 g.

CAMPEONATO DE JOGO DE «DAMAS» POR CORRESPONDÊNCIA, DE 1945

De momento a momento é cada vez maior o entusiasmo dos «damistas» de todo o país, por este grande campeonato.

Damos, a seguir, o nome dos inscritos até hoje:

1 — Delfim Faria Diniz (Famalicão).
2 — Jorge Galamba Marques (Castanheira de Pera). 3 — Manuel Pinto da Silva (Pórtio). 4 — Manuel Félix Igrejas (Melgaço). 5 — António Eduardo Igrejas (Melgaço). 6 — Luis de Oliveira (Lisboa). 7 — Manuel Lopes dos Santos (Tóres Novas). 8 — António da Costa Santos (Santarém). 9 — Carlos Pereira (Lisboa). 10 — José Dias Cerejeira (Lisboa). 11 — Manuel dos Santos Nobre (Pernes). 12 — Ernesto Lopes Frazão (Pernes). 13 — Francisco Nunes de Sousa (Pernes). 14 — Joaquim Rosa Nobre (Pernes). 15 — Rogério J. Nobre Girão (Pernes). 16 — Raúl Duarte Girão (Pernes). 17 — Manuel Arrenga Padeliro (Chamusca). 18 — Francisco Henriques (Almeirim). 19 — José Rodrigues Serra (Chamusca). 20 — Alfredo José Gonçalves Pereira (Melgaço). 21 — Rogério Fernandes (Melgaço). 22 — José Granês (Lisboa). 23 — José Maria Amaro (Vila do Conde). 24 — Hilário Francisco Lança Elias (Beja). 26 — Henrique Abolim Frazão (Beja). 27 — Jacinto Castelo Branco Parreira Lança (Beja). 28 — José Correia (Beja). 29 — Domingos Carvalho Caxeiro (Lisboa).

Brevemente se publicará o regulamento e a lista dos prémios. São só consideradas as inscrições dos que o fizeram por escrito e pessoalmente. Na correspondência deve vir indicada a morada.

«Damistas» retardatários cá aguardamos as vossas inscrições.

XADREZ

CAMPEONATO DA RUSSIA, DE 1944

Terminou em meados de Outubro de 1944, o Campeonato da U. R. S. S., com a vitória de Mikhail Botvink. Perdeu duas partidas, sendo uma delas com o antepenúltimo classificado.

Damos a seguir o resultado do mais formidável torneio que se tem jogado nos últimos tempos:

1.º, Botvink, 12 ½ pontos. 2.º, Smyslov, 10 ½ pontos. 3.º, Boleslavsky, 10 pontos. 4.º, Flohr, 9 ½ pontos. 5.º, Manganov, 8 pontos. 6.º, Mikenas, 8 pontos. 7.º, Tolush, 8 ½ pontos. 8.º, Lillenthal, 7 ½ pontos. 9.º, Socolsky, 7 ½ pontos. 10.º, Veresov, 7 pontos. 11.º, Kotov, 7 pontos. 12.º, Khavrin, 7 pontos. 13.º, Lisitsin, 7 pontos. 14.º, Ragozin, 7 pontos. 15.º, Bronstein, 6 ½ pontos. 16.º, Alatortsev, 5 ½ pontos. 17.º, Ravinsky, 4 ½ pontos.

Aos 23 anos, o jovem Smyslov ficou sub-campeão no mais forte torneio que se efectua no mundo, tendo sofrido exactamente as mesmas derrotas que o 1.º classificado. Depois desta formidável exibição considera-se Smyslov como um dos xadrezistas mais destacados de todos os continentes.

(De «Arribas» — Secção dirigida por D. Manuel de Agustim)

CHARABAS

(Publicadas em 4/1/45)

Soluções

1 — Redemir. 2 — Patola. 3 — Sátira. 4 — Magoa. 5 — Marcha. 6 — Pagode. 7 — Medonhas.

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

UMA GOTAS DE «HERPETOL»

É O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO É DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA

«HERPETOL»

É UM MEDICAMENTO SÉRIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDÊNCIAS NA PELE, ETC. ATE HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em tôdas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



Se sofre das gengivas faça uma massagem com



Se quere ter os dentes saos e belos lave-os com SULFADENTINA

OS CONVIDADOS DO INSPECTOR BELLEAU

Por JACQUES MAÇOUDI

NAQUELE dia, como de costume, tinham-se reunido para fazer o balanço mensal dos seus negócios. Jean Castille, Eduardo Boussu, Pierre Brille e Willem Huybroek haviam fundado uma espécie de «holding» que tinha o mérito de reunir bastantes espécies de actividade. Em primeiro lugar — jantavam juntos. Um jantar confortável organizado por Boussu, de tão belas tradições culinárias.

Mas, nesse dia, mal se tinham levantado da mesa, e quando se preparavam para tratar dos assuntos sérios, uma ordenança aparecera com um sobrescrito sem endereço.

— Para quem é isto?
— Para os senhores. Foi um ciclista que passou e atirou com este envelope, dizendo: «é para os senhores do 5».

Pierre Brille abriu, leu e teve um sobressalto:

— É forte!
Os companheiros precipitaram-se:
— Enfim, de que se trata?

O outro leu: «há uma ovelha rafeira entre vós. Na próxima reunião, se não tiver desaparecido antes, ela se manifestará».

— É uma brincadeira de mau-gosto — disse Edouard Boussu.

— Quem poderá brincar connosco? E, sobretudo, quem sabe das nossas reuniões?

Combinou-se que não se falaria mais no incidente mas é lícito supor que, daí em diante todos podiam admitir que o parceiro talvez estivesse a duvidar da sua honestidade...

Que faziam, entretanto, esses homens all reunidos pelo mesmo sêlo de amizade e de interesse?

Jean Castille pontificava na rádio, administrava postos emissores e fábricas de aparelhos de T. S. F. Edouard Boussu era jornalista-director de dois jornais meo financeiros, meo políticos — e administrava algumas empresas. Pierre Brille era empresário teatral — em grande escala: «tournées» por esse mundo, «super-vedetas» revistas de muitos milhões que atravessavam oceanos, espectáculo em Berlim, Nova York, Londres — por toda a parte apreciava a influência de Brille. Quanto a Willem Huybroek, um holandês parisiense — esse era banqueiro. Um «esliff man-made» cuja fortuna ajudava alguns governos a sustentar-se na política. Portanto, cada um no seu género, era rei, era magnate. E reuniam-se para verificar se os interesses de cada um não estariam a ser prejudicados pelos interesses dos restantes. Sabiam que constituíam uma força em separado, capaz de quebrar as resistências mais fortes. Mas, porque se sabiam fortes isoladamente, a confiança reinava entre todos...

Um mês mais tarde, fiéis ao seu costume, lá estavam reunidos no gabinete n.º 5 da «Jour d'Aïral». Naturalmente, ninguém havia falado da carta. Todavia, sentia-se que todos pensavam nela. E, por isso, o jantar foi menos animado. Mas, já no final da refeição, alguém bateu à porta. Era uma vendedeira de flores que aparecia com uma carta que, num dos ângulos, dizia apenas: «gabinete n.º 5».

A rapariga retirou-se. Sobre a mesa, porém, permanecia a carta...

— Enfim — disse Castille — certamente, nenhum de nós tem o recelo de ser acusado...

Pierre Brille abriu e comentou:

— Ora, nenhum de nós se chama Alexandre!

Na folha de papel, dizia-se apenas: «é um aventureiro e chama-se Alexandre...».

— Veja, nas costas, há mais alguma coisa! De facto, lá estava: «a não ser que tenha mudado de nome...».

Olharam-se uns aos outros...

— Olçam — disse Boussu — esta situação não pode prolongar-se. Conhecemo-nos há muito, pusemos em prática muitas idéias comuns, não podemos duvidar uns dos outros. Mas há alguém que está a brincar connosco, que quer semear a desconfiança entre nós. Proponho que, à próxima reunião, compa-

reça um detective! Ele ficará no «halls», aqui, na rua, onde quiser, contanto que se descubra o autor desta brincadeira!

E assim se fez. Um mês depois, a reunião voltou, os convivas voltaram, tudo enfim, decorreu normalmente, menos, talvez, a mecânica dos nervos. Quem poderia deixar de estar na expectativa?

E, de facto, ainda uma vez mais, quasi ao fim do jantar, alguém bateu à porta. Mas, desta vez, quem surgia era o detective — o inspector Belleau, um jovem cheio de imaginação, fértil de invenções, sem deixar de ponderar a lógica e o sentido comum do razoável...

O grupo respirou. Mas, logo mudaram de disposição. Belleau tinha na mão um pneumático — e trazia a terceira carta onde se lia: «Alexandre, lembra-te de Monte-Carlo».

O inspector, lendo a carta, observava, ao mesmo tempo, o rosto dos presentes: todos acusavam a mesma admiração.

Como desfiar, pois, esta meada? O sr. Belleau fez uma proposta:

— Meus senhores, seria possível que a próxima reunião se efectuasse dentro de oito dias e que nela tomasse parte um convidado? Garanto que, aos liceos este Alexandre estará identificado — caso exista, evidentemente...

E, oito dias depois, assim fizeram: os quatro esperavam pelo inspector Belleau e o seu convidado — querendo, assim, acabar com o mistério que tanto pesava sobre todos. Tinha combinado que, durante o jantar ou mesmo antes falariam de tudo menos das estranhas missivas. Todavia, ninguém pensava senão na sua existência e naquilo que delas adviria para o futuro dos seus negócios. Enfim, às 8 horas, o inspector Belleau apareceu, acompanhado de um velhote de aspecto o seu tanto raro, tipo de funcionário público aposentado, a voltar constantemente o chapéu nos dedos. Sobre o nariz, usava uma luneta que, por um fio preto, se prendia à casa da lapela do casaco e, no queixo uma barbilha esbranquiçada completava o ar raro deste novo personagem que Belleau apresentou:

— É o sr. Lacroix.

Sentaram-se todos. A conversa girou à roda de «tournées» artísticas, de negócios políticos, de coisas de finanças, sobre alguns escândalos da última semana. Depois, apareceu o «matre de hotel» que serviu os licôres. Belleau, mal o homenzinho ficou só, ergueu-se e falou no meo do mais pesado silêncio:

— Meus senhores, prometi que neste momento seria revelado quem é aqui o Alexandre... O sr. Lacroix vai dizer...

Todos cravaram os olhos no homenzinho...

— É o senhor! — disse ele.

E apontava Castille, sobre o qual, agora, todos punham a atenção.

— É o sr., o Leopoldo Alexandre!

Jean Castille ergueu-se lívido:

— Sim, sou eu, mas como quere prová-lo? custou-me muito dinheiro a documentação em regra: ninguém pode provar que não sou Jean Castille, nascido em Villeneuve-sur-Iot, a 21 de Março de 1900...

O inspector atalhou rápido:

— Então, por que se acusou? Por que não negou?

O outro curvou a cabeça:

— Creio que nada tenho aqui a fazer, meus senhores. Retiro-me.

Todos os outros se sentaram. E, enquanto Brille acendia nervosamente um charuto, Boussu perguntava:

— É estranho... Mas como pôde este senhor?...

O inspector explicou:

— É muito simples. O último bilhete lembrou-me de apelar para este velho amigo que está aposentado e reside nos arredores. Devo dizer-lhes que o sr. Lacroix tinha uma profissão cuja existência muitos ignoram: fisionomista. O fisionomista é encarregado de, à porta das salas de jogo dos grandes casinos, reconhecer aqueles que não devem usar do direito de entrar. Conhece todos os jogadores pelos seus nomes, sabe quais são os interditos ou insolventes. A sua memória é tal, que a dez anos de distância é capaz de pôr o nome num rosto raras vezes visto. Durante vinte anos, o sr. Lacroix foi fisionomista no Casino Monte-Carlo. Eis porque lhe pedi que viesse aqui. O último bilhete dizia: «Alexandre, lembra-te de Monte-Carlo». Se esse Alexandre aventureiro existia e passara por Monte-Carlo, o sr. Lacroix não podia deixar de o reconhecer... E foi o que sucedeu...

— Mas, quem teria empenho em desmascarar Castilho?

— Isso já me não compete esclarecer. Mas não é difícil supor que, no mundo, não exista alguém com o desejo de ajustar contas com Leopoldo Alexandre. Creio que os senhores todos hão-de ser da mesma opinião e que não haverá quem se não sinta agradecido pelo favor que o meu amigo acaba de prestar à Polícia em poder da qual existem algumas queixas graves contra o homem que acaba de nos deixar...

O sr. Lacroix, indiferente à emoção que provocara, saboreava o seu velho cachimbo...



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PRÓPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27